

Público



Locarno Pedro Costa ganha o Leopardo de Ouro e Vitalina Varela, a própria, o prémio de Melhor Actriz

Cultura, 24/25

MIGUEL MANSO

P2

Reportagem  
O Alentejo é o novo *eldorado* da imigração?



# Recuo do sindicato nos salários é teste a patrões e trabalhadores

Plenário do Sindicato de Motoristas de Matérias Perigosas decide hoje se suspende greve **Destaque, 2 a 4**

**FC Porto goleia Vitória de Setúbal e dá pontapé na crise**

Equipa de Sérgio Conceição regressa às vitórias antes de visitar o Benfica **p29**

**Simplificar uma carta fez subir pagamento de dívidas**

O Ministério da Justiça diz que pagamento voluntário de dívidas aumentou 50% **p14**

**Imigrantes do *Open Arms* peões na crise política italiana**

Matteo Salvini deixa desembarcar 27 menores “com desagrado” **p20**



**Soares dos Santos, o “sonhador acordado”**

Perfil de Alexandre Soares dos Santos, o líder histórico da Jerónimo Martins **p18/19**

## CRISE DOS COMBUSTÍVEIS

# Governo ignorou ferrovia como alternativa aos camionistas

Em Portugal, há capacidade para transportar combustíveis por caminho-de-ferro, mas não foi considerada pelo Governo na crise dos combustíveis, que abrandou a mobilidade rodoviária

**Carlos Cipriano**

O transporte de combustível em comboio, desde que devidamente planeado, poderia ter sido uma das alternativas para minimizar o impacto da greve dos motoristas de matérias perigosas, mas o Governo nem sequer a estudou. As opções tiveram como base a grelha actual de distribuição por via rodoviária sobre a qual se impuseram as obrigações de serviço mínimo. No entanto, o país dispõe de uma frota de vagões-cisterna – que está operacional – destinada ao transporte de combustíveis e de outros líquidos inflamáveis.

A Medway, empresa que resultou da privatização da CP Carga, herdou desta última várias dezenas desses veículos, os quais só usa pontualmente. A própria empresa anuncia no seu *site* que “o transporte de combustíveis, dada a sua natureza, exige vagões e cuidados especiais”, mas que a Medway “dispõe de vagões apropriados e *know-how* especializado de forma a transportar este tipo de

produto com a maior segurança”. Os produtos passíveis de serem transportados são, segundo o mesmo *site*, “o petróleo, o gás, o gasóleo, o *jet fuel*, os resíduos, entre outros”.

Carlos Vasconcelos, presidente da Medway, confirmou ao PÚBLICO a existência desta capacidade disponível e disse que nunca foi contactado pelo Governo para estudar qualquer operação de transporte de combustíveis. O transporte ferroviário poderia assegurar o fornecimento de grandes quantidades de gasóleo e gasolina desde Sines até qualquer ponto da rede ferroviária desde o Minho ao Algarve, se bem que, na distribuição fina, fosse sempre necessário o uso de camiões para fazer chegar o produto ao consumidor final.

O administrador diz que Portugal está demasiado dependente do modo rodoviário no transporte de combustíveis e que, até por razões estratégicas, seria desejável uma maior repartição deste mercado entre a rodovia e a ferrovia.

Em Portugal apenas existe uma linha regular de transporte de com-

bustíveis sobre carris, que, curiosamente, é realizado pela empresa concorrente da Medway – a Takargo, que pertence ao grupo Mota-Engil. Todos os dias realiza-se um comboio entre Sines e Loulé destinado a abastecer com *jet fuel* o aeroporto de Faro. A composição é formada por cisternas montadas em vagões porta-contentores, que depois são movimentadas para camiões que executam o troço final deste transporte entre Loulé e o aeroporto.

Esta operação teve início em 2004 (ver PÚBLICO de 23/03/2004) e decorreu sempre sem problemas. Começou ainda com a CP Carga, depois foi concessionada à Takargo, depois à Medway e, desde 2016, novamente à Takargo. Cada comboio evita a circulação diária de 25 camiões-tanque entre Sines e o Algarve e poupa um milhão de quilómetros por ano de transporte rodoviário, o que equivalia, em 2004, a 5% da quilometragem da frota da Galp.

Apesar do seu êxito, não se sucederam em Portugal operações idênticas de transporte de combustível por via

Último balanço do Ministério do Ambiente demonstra “uma crescente normalidade da situação” no postos



## Com o país a normalizar os abastecimentos de combustível e os grevistas cansados, “linha vermelha” das horas extra permanece em cima da mesa

### Recuo do sindicato nos salários vai a teste com patrões e trabalhadores

Pedro Ferreira Esteves

**Q**uando partiu para o protesto, o Sindicato Nacional de Motoristas de Matérias Perigosas (SNMMP) avançou com duas linhas vermelhas bem vincadas nos piquetes de greve: aumentos salariais mais acelerados do que aqueles previstos no acordo assinado pelos outros sindicatos da Fectrans e um pagamento mais substancial das horas extraordinárias, para travar longos dias de trabalho. Uma semana depois, com o país a normalizar os abastecimentos de combustível (os *stocks* estão em níveis como nunca se tinha visto desde o início da greve) e os grevistas assumidamente cansados, uma das linhas vermelhas já perdeu força, a dos salários, mas a outra, a das horas extras, permanece em cima da mesa. Como contrapartida, o sindicato pede que o subsídio de operações (que pode envolver as cargas e descargas) suba face ao acordado previamente com os patrões.

É este o menu laboral que será testado hoje em Aveiras e, se passar, chegará à mesa das negociações que o Governo vai continuar a montar e que, esperam o sindicato e o ministro Pedro Nuno Santos, consiga convencer os patrões a regressar definitivamente ao diálogo, depois das hesitações da manhã de ontem. E, pelo caminho, desconvocar definitivamente a greve.

Ainda de madrugada, os primeiros sinais foram de desânimo, com ministro das Infra-Estruturas e sindicato a revelarem que tinham fechado uma proposta mais próxima do que já tinha sido assinado pelos outros sindicatos, mas a revelarem que a Antram continuava intransigente na postura não negocial.

O porta-voz dos patrões confirmou isso mesmo, logo de manhã, ao defender que o que tinha sido previsto na tal negociação entre Governo e sindicato (com o contributo do consultor do sindicato, Bruno Fialho, do sindicato de pessoal de voo da aviação civil) não era comportável pelas empresas. E que não podia privilegiar o SNMMP face aos outros sindicatos.

Mais tarde, André Matias de Almeida, na SIC Notícias, anunciou que, afinal, a associação já admitia negociar e ia pedir a mediação do Governo nesse sentido. Mas não explicou quais as suas linhas vermelhas que estaria disponível a flexibilizar. E o país ficou sem saber quando é que essa mediação iria ter lugar, embora a expectativa era que pudesse acontecer ainda antes do plenário de Aveiras.

Ao início da tarde de ontem, o sindicato liderado por Francisco São Bento revelou a sua nova posição, depois do “esforço negocial do Governo” durante a maratona negocial de dez horas. E confirmou que a nova proposta abre “mão do desdobramento para 2021 e 2022 [dos aumentos salariais], centrando-se num plano de ganhos inferior aos 900 euros de salário base pelos quais” o sindicato se bateu inicialmente.

No arranque desta crise negocial, o SNMMP exigia que o contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV) – assinado entre a Fectrans e a Antram

– fosse além do aumento do salário base em 2020 para os 700 euros (mais complementos e subsídios), reclamando que os valores fossem de 800 em 2021 e 900 em 2022.

A Antram – Associação Nacional de Transportadores Públicos Rodoviários de Mercadorias recusou sempre, admitindo apenas actualizações salariais dependentes da evolução do salário mínimo. No final do plenário de há uma semana, o SNMMP esticou a corda, em vésperas de greve, e exigiu 900 euros já em 2020.

Seis dias de greve decorridos, esta exigência caiu. Em alternativa, o sindicato exige uma compensação maior no subsídio de operações, que foi fixado no acordo colectivo nos 125 euros no caso das matérias perigosas (superior ao das mercadorias), reclamando um aumento de 40% desse subsídio – isto é, mais 50 euros por mês, aproximadamente.

Adicionalmente, revelou o SNMMP, a proposta fechada com o Governo também passa por “reconhecer que o trabalho suplementar tem de ser pago sem recurso a uma carta branca cujo resultado é a normalização de turnos até 16 horas, impostos com regularidade pelos patrões”. Neste aspecto, não são dados pormenores, sendo certo que este tem sido um dos pontos de maior discórdia entre as partes, dado que contrato colectivo fixou um tecto de duas horas extraordinárias pagas como tal, complementadas com o pagamento de uma isenção de horário. Características que os trabalhadores contestam, acusando as empresas de pagarem horas extras ao quilómetro como forma de estenderem os horários de trabalho.

Neste cenário, o sindicato está aberto a sentar-se à mesa com os patrões, desde que a Antram esteja disposta a rever a sua intransigência em questões-chave do acordo. São Bento já admitiu, ontem à tarde, em Aveiras, que “há possibilidade de uma reunião no Ministério das Infra-Estruturas. Se houver, vamos lá estar para negociar”.

**“**  
**Há possibilidade de uma reunião no Ministério das Infra-Estruturas. Se houver, vamos lá estar para negociar**

**Francisco São Bento**

Presidente do Sindicato Nacional de Motoristas de Matérias Perigosas (SNMMP)

ferroviária. Uma realidade que contrasta com a da vizinha Espanha, onde diariamente circulam comboios com gasóleo e gasolina desde as refinarias de Puertollano (Ciudad Real) e Escombreras (Murcia) para diversos centros de consumo e distribuição. Operações que são realizadas pela estatal Renfe Mercancías e por operadores privados, num negócio que é rotina e se tem revelado lucrativo.

Para isso contribui a existência de terminais ferroviários junto dos centros de produção e de distribuição de combustível, situação que também contrasta com a portuguesa. O centro logístico de Aveiras foi construído a escassos 21 quilómetros do Carregado, onde passa a Linha do Norte e onde existia na altura espaço disponível para o parque de combustíveis bem como um terminal ferroviário. Alguns anos depois, esse terminal ferroviário seria desmantelado. Hoje, toda a distribuição realizada a partir de Aveiras é feita por camiões.

O PÚBLICO tentou saber junto do gabinete do ministro Pedro Nuno Santos que razões impediram o estudo de uma solução ferroviária para o transporte de combustível durante a greve, mas não obteve resposta.

#### Nem a CP usa os carris

O abastecimento de gasóleo à frota de comboios a diesel da CP está também totalmente dependente do modo rodoviário. A empresa possui depósitos nas estações de Viana do Castelo, Contumil (Porto), Sernada do Vouga (Águeda), Régua, Entroncamento, Lisboa Santa Apolónia, Caldas da Rainha, Beja e Faro, que são abastecidos por camiões.

Estando estes depósitos em meio ferroviário, seria relativamente fácil transportar o combustível desde a refinaria de Sines para qualquer uma destas estações, mas a CP não está hoje licenciada para o transporte de mercadorias (só pode transportar passageiros), pelo que essa operação teria de ser feita com recurso a um operador privado (Medway ou Takargo). Fonte oficial da empresa disse ao PÚBLICO que a empresa não esperava rupturas no abastecimento durante a greve porque os serviços mínimos contemplavam o fornecimento de gasóleo, com níveis de serviço de 75%, a empresas de transporte público de passageiros.

carlos.cipriano@publico.pt

pedro.esteves@publico.pt

NUNO FERREIRA SANTOS



## DESTAQUE

## CRISE DOS COMBUSTÍVEIS

# Como as férias de Rio de 2019 e as de Costa de 2017 entraram na crise dos motoristas

Costa desejou que Rio concluísse com “felicidade” as férias, menorizando as críticas do líder do PSD por ter estado ausente. Rio atacou com a tragédia de Pedrógão, mas Costa só entrou de férias 15 dias depois

Sandra Rodrigues  
e Ana Sá Lopes

O primeiro a entrar em cena com o tema “férias” foi António Costa, que, à saída da reunião com o Presidente da República na sexta-feira, menosprezou as críticas do líder do PSD por ter passado os últimos 15 dias ausente. Costa desejou a Rio que “concluísse com felicidade o período de descanso”. Rio respondeu ontem e de uma forma que lhe é incomum: “O que está aqui em causa neste caso era eu entrar ou não num circo mediático durante quatro ou cinco dias. Mas o que esteve em causa quando ele, pura e simplesmente, não interrompeu as férias foi a morte de mais de 60 pessoas”, afirmou Rio, numa referência ao incêndio em Pedrógão Grande, em 2017.

“Foi de infelicidade enorme aquilo que António Costa ontem referiu e revela que não tinha resposta para aquilo que eu tinha dito”, concluiu em Viseu.

O primeiro-ministro não fez férias durante o incêndio de Pedrógão Grande, entre os dias 17 e 24 de Junho de 2017, mas foi de férias pouco depois, na primeira quinzena de Julho. Naquele incêndio morreram 66 pessoas.

O próprio gabinete de Costa fez questão de esclarecer que o primeiro-ministro não estava de férias durante os incêndios de Junho de 2017. “Em 17 de Junho de 2017, o primeiro-ministro não estava de férias e no dia 18 de manhã estava em Pedrógão reunido com os presidentes de câmara dos concelhos mais atingidos. Os presidentes de câmara da Sertã ou da Pampilhosa, por exemplo, podem confirmá-lo. Os deputados do PSD-Leiria também estiveram com o primeiro-



**António Costa desejou a Rui Rio, em Belém, que “concluísse com felicidade o período de descanso”**

ministro quando visitou o posto de comando.” O gabinete de Costa fez questão de esclarecer que “nos dias seguintes o primeiro-ministro coordenou os apoios de emergência e a preparação dos trabalhos de reconstrução. Esteve presente com o Presidente da República, o presidente da Assembleia da República e – a seu convite – todos os líderes partidários no primeiro funeral”.

Mas, apesar de, tal como a declaração do gabinete refere, Costa só ter ido “de férias no final do mês, como tinha acertado no princípio do ano

com o ministro dos Negócios Estrangeiros, que o substituiu”, a ausência do primeiro-ministro pouco tempo depois da tragédia deu azo a uma enorme polémica.

Ontem, além da questão das “férias”, Rui Rio acusou o Governo de ser o “elefante no meio da sala” na questão da crise energética, mas que agora tem a possibilidade de, com “habilidade e inteligência”, conseguir que as duas partes em confronto cheguem a um “ponto de encontro”.

O líder do PSD falava em Viseu, um pouco antes de a Antram (Associação Nacional de Transportadores Públicos Rodoviários de Mercadorias) ter também anunciado que vai pedir a mediação ao Governo, na sequência da intenção do Sindicato Nacional de

Motoristas de Mercadorias Perigosas (SNMMP) de suspender a greve desde que retomada a negociação.

Rui Rio espera que se encontre uma solução nos próximos dias. “Tem de se continuar a tentar e esse é o papel que o Governo deve ter, para deixar de ser o elefante na sala que parte tudo, para ser, como no futebol, aqueles árbitros que nem se dá por eles. Esses são os melhores e era assim que o Governo devia estar, com recato, com sentido de Estado, quase sem se dar pela sua presença. Era a melhor forma de ser um mediador”, reforçou.

O presidente do PSD acusou o Governo de ter criado “um teatro” à volta da greve dos motoristas, tal como o fez nas vésperas das eleições europeias com a questão dos professores, e afirmou que o executivo, apesar de ter “mudado de direcção”, sai “enfraquecido”.

“Nos primeiros dias parecia que ganhava politicamente com isto. Neste momento acho exactamente o contrário, acho que os portugueses perceberam que se montou aqui uma farsa demasiado exagerada com fins eleitorais”, frisou.

Também ontem, Ana Catarina Mendes, secretária-geral adjunta do PS, veio criticar o PSD e o Bloco de Esquerda, em declarações à Lusa: “Julgo que Catarina Martins está com febre eleitoral, a pensar em 6 de Outubro, e, por isso, acaba por ser a porta-voz da demagogia ao nível de Rui Rio. Aquilo a que assistimos, quer com as declarações de Catarina Martins quer com as de Rui Rio, são de uma profunda demagogia, de uma profunda irresponsabilidade, de quem não está preocupado com o interesse nacional, mas que está preocupado com interesses meramente eleitorais.”



**Julgo que Catarina Martins está com febre eleitoral e por isso acaba por ser a porta-voz da demagogia ao nível de Rui Rio**

Ana Catarina Mendes

Secretária-geral adjunta do PS

ana.sa.lopes@publico.pt



[estúdio]P

**A MARCA DA  
MINHA REGIÃO**

# Aveiro

Na terceira viagem pelas regiões de Portugal e pelas marcas que marcam essas regiões, damos agora um salto até Aveiro. Venha connosco descobrir a “Veneza Portuguesa”, e fique a conhecer o melhor que Aveiro tem para oferecer. Será que foi desta que acertou nas marcas extraordinárias que esta região tem?

Quem conhece ou mora em Aveiro, sabe que esta cidade é, muitas vezes apelidada de “Veneza Portuguesa”, já que é uma cidade repleta de canais, tal como a Veneza original, a italiana. Por outro lado, enquanto em Veneza são as gôndolas que transportam os turistas, em Aveiro são os barcos Moliceiros ou Mercantel a fazê-lo. Estas particularidades e a beleza própria de Aveiro, levam-na a ser considerada uma das mais idílicas regiões portuguesas. Começamos então esta viagem a falar de descanso e do retemperar forças! E que melhor forma de o fazer do que nas **Termas de Luso**? Este Complexo Termal, aberto durante todo o ano, apresenta um inovador conceito de Medical Spa suportado em três pilares que se complementam: Termalismo, Spa Termal e Medical Center, sendo que neste último contará com Medicina Física e de Reabilitação. Na verdade, as **Termas de Luso** reúnem no mesmo espaço diferentes valências que proporcionam uma experiência extraordinária. E, no final de um dia de revitalização de corpo e mente, a nossa sugestão Cinco Estrelas para alojamento não poderia deixar de ser outra que não o **Grande Hotel de Luso**! Integrado no mesmo Complexo Termal e com acesso direto às infraestruturas termais,



**TERMAS DE LUSO**  
Vencedor na Categoria  
Termas

este hotel oferece um complementar e merecido descanso, colocando à disposição dos hóspedes um restaurante, um bar com vista panorâmica sobre a piscina olímpica, uma piscina interior aquecida, um campo de squash, jardins, ginásio totalmente equipado e um espaço dedicado aos mais pequenos. Sem dúvida que o **Grande Hotel de Luso** proporciona o máximo conforto para os seus hóspedes. E já que falamos em conforto, seguimos para duas marcas Cinco Estrelas no que toca ao bem-estar caseiro: a **Pollux** e a **Bongás**. A **Pollux**, emblemática loja de artigos para a casa e decoração, conjuga qualidade e bom preço. Por lá, encontramos a maior variedade de artigos para as várias divisões da casa, até para o exterior.



**GRANDE HOTEL de LUSO**  
Vencedor na Categoria  
Hóteis Termais



**BONGÁS ENERGIAS**  
Vencedor na Categoria  
Gás em Garrafa



**FORUM AVEIRO**  
Vencedor na Categoria  
Centros Comerciais



**POLLUX**  
Vencedor na Categoria  
Lojas de Artigos para o Lar

Aproveite e faça as suas compras na **Pollux** através da loja online que está disponível para si. Quer maior comodidade que isto? E uma vez que o tema é o conforto do lar, vamos à segunda marca que merece a preferência dos portugueses nesta região: a **Bongás Energias**! Na verdade, o próprio nome já ajuda a perceber a qualidade da marca, no entanto, nós ajudamos um pouco mais: a **Bongás Energias** é uma referência no setor da energia a nível nacional e foi considerada Cinco Estrelas pelos portugueses, no gás em garrafa.

É bom saber que podemos contar com uma marca que distribui gás ao domicílio através de uma rede de proximidade e sempre com níveis de satisfação garantidos por parte dos clientes. Para terminar, escolhemos uma marca que é um dos símbolos desta região, falamos do **Forum Aveiro**. Dizemos muitas vezes que os últimos são os primeiros e poderíamos ter começado por aqui, já que o **Forum Aveiro** é uma referência em diversas áreas e tem tudo o que precisamos! Desde restaurantes a lojas de decoração, moda, tecnologia, desporto ou até saúde, encontra tudo por lá. O **Forum Aveiro** é mais que um Centro Comercial, é um espaço a céu aberto.

**Para a semana, teremos a Beira interior em destaque neste espaço. Assim, vamos dar a conhecer as marcas que marcam as regiões da Guarda e de Castelo Branco. Contamos consigo para nos acompanhar na próxima paragem desta viagem Cinco Estrelas. Até lá.**

# ESPAÇO PÚBLICO



Pedro Costa



Há anos que o cineasta português andava a rondar o Leopardo de Ouro — conseguiu-o com um filme a que a crítica internacional se rendeu, oscilando entre adjectivos como “magistral” e “sumptuoso”. O prémio máximo do Festival de Locarno que, até aqui, apenas José Álvaro Morais conquistara é, claro, de Pedro Costa, mas também da fulgurante Vitalina Varela — e vem dar, finalmente, ao cinema nacional um pedestal à altura do reconhecimento que tem lá fora. (Págs. 24/25) **I.N.**



Zé Luís



Já tinha deixado boas indicações, mesmo nos jogos que não correram de feição ao FC Porto, e ontem mostrou que poderá ser um activo importante para Sérgio Conceição ao longo da época. Forte no jogo aéreo e de finalização fácil dentro da área, Zé Luís apontou o primeiro *hat-trick* desta edição do campeonato e juntou-se a Pizzi no topo da lista de melhores marcadores. Foi a face mais visível de uma exibição colectiva avassaladora, a responder aos desaires recentes (Pág. 29). **N.S.**

## O exemplo de Alexandre Soares dos Santos

Manuel Carvalho  
Editorial

**A**lexandre Soares dos Santos morreu num tempo em que os exemplos da sua carreira e da sua condição de homem livre fazem mais falta do que nunca. Porque raramente como nos últimos anos se viu tanta amplitude e tanta veemência no discurso contra a iniciativa privada, a criação de riqueza, o lucro ou liberdade empresarial. A devastação da *troika*, a obsessão com as rendas fáceis, a corrupção e a destruição do pouco valor acumulado pelo capitalismo

português podem explicar a mudança da forma como o país vê os seus empresários. É por isso importante dar um passo atrás e lembrar que, para lá dos danos causados pelos outrora donos disto tudo, houve milhares de empresários que ajudaram a salvar o país da crise financeira. Como Alexandre Soares dos Santos.

Visionário, corajoso e arrojado, o homem que transformou a Jerónimo Martins numa multinacional faz parte daquela estirpe de homens de negócios rara em Portugal que privilegia as regras dos mercados em detrimento dos favores políticos. A sua intervenção pública jamais se pautou por qualquer tipo de seguidismo ou reverência para com os poderes. Essa irreverência fez dele um alvo prioritário do discurso

de uma certa esquerda que continua a associar o lucro privado a um crime colectivo — os salários dos seus gestores ou a decisão de levar a sede fiscal da *holding* para a Holanda também ajudaram. O velho Portugal de mão estendida ao poder político não perdoa o sucesso nem estimula a liberdade dos que pensam contra a corrente — mesmo os que pelo mecenato criam instituições com a valia social da Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Gente da estirpe de Alexandre Soares dos Santos faz cada vez mais falta porque o país precisa de criar riqueza capaz de alimentar o Estado social e de gerar empregos qualificados. Esse é o grande desígnio nacional que foi subalternizado na legislatura que acaba. Não porque não faça parte

programa do PS, mas porque o PS está no que diz respeito ao mundo dos negócios atado pela ortodoxia dos seus parceiros da esquerda. O discurso contra as grandes empresas e os grandes empresários que o Bloco e o PCP alimentam não se instituiu no poder, mas condicionou a acção do Governo. Continuamos por isso a discutir muito a distribuição de riqueza e muito pouco a melhor forma de a criar. Neste contexto, Alexandre Soares dos Santos teve uma história exemplar. Homenageá-lo é uma forma de recusar a cultura de dependência e o miserabilismo que trava a iniciativa privada e impede o país de dar o salto em frente de que tanto precisa.

manuel.carvalho@publico.pt



As cartas destinadas a esta secção devem indicar o nome e a morada do autor, bem como um número telefónico de contacto. O PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e eventualmente reduzir os textos não solicitados e não prestará informação postal sobre eles.

Email: [cartasdirector@publico.pt](mailto:cartasdirector@publico.pt)  
Telefone: 210 111 000

### CARTAS AO DIRECTOR

#### Porque falta pessoal na MAC?

Lembram-se de terem querido fechar a Maternidade Alfredo da Costa (MAC) no Governo anterior, dispersando o pessoal, desfazendo equipas? Para o evitar fiz parte de um grupo de pessoas que pôs uma acção em tribunal para evitar o encerramento da melhor maternidade do país. Pretendiam dispersar o pessoal por privados, Estefânia, Santa Maria, Loures, etc. Até chegou um cirurgião a dizer que não percebia como a MAC fazia cirurgias sem ter ressonância magnética, pois o seu hospital também não tinha...

Felizmente, o tribunal deu-nos razão, mas já muito pessoal tinha saído e as excelentes equipas desfeitas. Agora vêm protestar pelos erros que favoreceram? Claro que teremos de recriar o desfeito,

mas sejamos sérios, quem atacou nessa altura o SNS não foi este Governo...

*Francisco Crespo, médico*

#### Corrupção, ditadura e democracia

Li no último domingo, como sempre faço, a crónica de António Barreto, que bem discorre sobre o fenómeno da corrupção e da sua incidência tanto em democracia como em ditadura. Da conclusão final de que, mal por mal, antes um regime democrático do que uma ditadura também não deixo de concordar. Acima de tudo, porque numa ditadura os meios que o povo tem para com ela — a corrupção — acabar, limitar ou controlar são escassos ou nulos e numa democracia eles existem, assim saibam ser usados — mas isso é outra conversa.

Há, porém, um aspecto que António Barreto não refere e que muito contribui para diluir aos olhos de muita gente essa vantagem da democracia. É que enquanto a qualidade da corrupção em qualquer dos regimes é praticamente igual, a quantidade não o é. Numa ditadura, o número de corruptos “aceites” não passa daqueles — comparativamente poucos e imutáveis no tempo — que apoiam e suportam o regime, enquanto numa democracia, por cada legislatura — e tanto mais quanto mais vezes muda o partido no poder —, há uma nova e, por vezes, sedenta vaga de potenciais corruptos (...). Compete então à população ser “sábia” na hora do voto e escolher sempre aqueles que mais garantias e confiança de seriedade derem, escolha que não é fácil porque de demagogia está o discurso político prenhe.

*Jorge Mónica, Parede*

#### OK? SOS

O já falecido escritor Vasco Graça Moura, em Novembro de 2009, escreveu o artigo *SOS. Isabel*, apelando à ministra da Educação de então para se debruçar sobre o português escrito e falado e, especialmente, sobre os estrangeirismos utilizados. Tudo se encontra na mesma ou pior, mesmo levando em consideração determinados termos técnicos que não têm tradução. O vocábulo “OK”, que se tornou uma doença a precisar de tratamento urgente, é empregue a propósito ou a despropósito por novos, velhos ou de meia-idade. Seja onde for, lá vem o fatídico “OK”. No conhecido concurso da RTP 1, denominado *Joker*, o apresentador é um especialista no emprego doentio da referida palavra, o que se lastima.

*Carlos Leal, Lisboa*

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores



Rafa



Foi o dinamismo que fez funcionar o ataque do Benfica, quer em organização ofensiva quer em transição. Aparentemente indiferente ao péssimo estado do relvado, Rafa fez das acelerações em condução um bicho de sete cabeças para o Belenenses SAD e complementou essas acções de desequilíbrio com um golo e uma assistência. É um dos casos mais óbvios de subida de rendimento desde que Bruno Lage tomou as rédeas da equipa, e atravessa um momento tremendo (Pág. 28). **N.S.**



Anabela Pedroso



“Sem nunca perdermos a segurança jurídica, temos a obrigação de sermos mais pragmáticos e simples”, diz a secretária de Estado da Justiça. Os resultados mostram que Anabela Pedroso tem razão e que vale a pena o Estado fazer esse esforço. Bastou ao Ministério da Justiça simplificar o conteúdo e o aspecto gráfico de notificações relativas a injunções para que o pagamento voluntário das importâncias em causa aumentasse 50%. (Pág. 14) **A.V.**



## ESCRITONAPEDRA

Eu nunca me disporia a morrer com os jornais em greve  
*Bette Davis (1908-1989), actriz norte-americana*

## SEM COMENTÁRIOS INDONÉSIA



BAGUS INDHONG/EPA

# Agradecer, sempre



**Miguel Esteves Cardoso**  
Ainda ontem

**N**ão estou à beira da morte mas imaginar que estou torna-me uma pessoa melhor. Pensar que as pessoas de quem eu gosto estão à beira da morte torna-me melhor ainda.

Experimente. Vai ver. Pense que as pessoas de quem gosta só têm mais um dia de vida. Quais são as coisas que gostaria de lhes dizer enquanto eles ainda têm ouvidos para ouvir e um coração para entender?

O mais importante é pensar – durante umas horas que seja – para descobrir o que é que aquela pessoa tem que mais ninguém tem e que tornou a nossa vida mais segura, mais risonha, mais sossegada, mais interessante, mais valiosa.

O elogio que importa é aquele que não se pode aplicar a mais nenhuma pessoa. Aquele que é generalizável (“foste um amigo, tiveste graça, aturaste-me e fizeste-me rir”) é o que menos interessa ouvir. Pode ser verdade mas é um *ready made* e nós precisamos é de ouvir um elogio que só nos diga respeito, que reconheça a nossa particularidade, o nosso contributo, a maneira como escolhemos passar por esta vida.

Desatei então, neste mês de Agosto, a escrever elogios às pessoas que melhoraram mesmo a minha vida. Aprendi com a Amália Rodrigues. Três anos antes de ela morrer enchi três páginas de jornal a elogiá-la. Ela ficou desiludida (não havia uma única novidade), mas, apesar de tudo, preferiu assim do que estando já morta.

Falei sobre isto com a Maria João e, como se não bastassem as coisas que eu já tenho para lhe agradecer, ela disse: “Deve ser por isso que a coisa mais importante que os nossos pais nos ensinam é a dizer ‘obrigado’.”

## EMPUBLICO.PT

### Dez frases fortes de Soares dos Santos

O antigo patrão da Jerónimo Martins, que morreu na sexta-feira, era conhecido pelas suas opiniões fortes. Recordamos algumas. [publico.pt/economia](http://publico.pt/economia)

### Vamos ouvir um álbum perdido de John Coltrane

*Blue World* vê a luz em Setembro. O disco inclui temas gravados em 1964 para uma banda sonora, que só usou dez minutos de gravações. [publico.pt/culturaipsilon](http://publico.pt/culturaipsilon)

### Quería atravessar costa sul da Terceira a nado

Ainda nadou uma hora, mas as dores do contacto com uma caravela-portuguesa obrigaram o alemão Christoph Knepeck a desistir. [publico.pt/sociedade](http://publico.pt/sociedade)

# Homo digitalis

**Elísio Estanque**

**Em todo o mundo, o imenso potencial tecnológico em marcha arrasta consigo um leque de consequências sociais e psicológicas impossíveis de vislumbrar**

Os clássicos *Homo economicus* e *Homo sociologicus* estão a sofrer profundas mutações na era da digitalização. Chegou o advento do *Homo digitalis*. Desde os primórdios da modernidade que a inovação tecnológica e as suas implicações sociais são motivo de reflexão e controvérsia. Perante o avanço da revolução digital ressurgem antigos paradoxos e novas perplexidades. Entre a utopia e a distopia, além dos prognósticos contrastantes, o futuro permanece enigmático. Num texto célebre de início dos anos 1960, os autores interrogavam-se recorrendo a metáforas poderosas: “Poderá um peixe adaptar-se a viver em terra?” À partida, a resposta era óbvia – “impossível!” –, mas se esse peixe pudesse dispor de uma racionalidade, técnicas sofisticadas, laboratórios e um conhecimento cibernético avançado? Nesse caso, talvez a metamorfose se tornasse verosímil. Estávamos em 1960 e o mundo assistia às primeiras incursões na era espacial. Cientistas da biofísica e da psiquiatria dedicavam-se ao estudo da cibernética e teorizavam sobre o advento do ciborgue no campo da astronomia. A noção pretende expressar a conjugação homem-máquina, em que sistemas homeostáticos integrados seriam capazes de resolver problemas automaticamente, sem recurso à consciência, “deixando o homem livre para explorar, criar, pensar e sentir” (*Cyborgs and Space*, Clynes & Kline, 1960).

Num outro plano, mais próximo de nós, pensadores “pós-estruturalistas” e “pós-modernos” (Lacan, Derrida, Foucault, Deleuze, etc.) diagnosticaram a “morte do sujeito”, embora, paradoxalmente, numa época em que se assistia à rápida multiplicação de “sujeitos” e movimentos socioculturais (feminismo, pacifismo, ambientalismo, LGBT, etc.), perante a extinção do “hipersujeito histórico” da sociedade industrial (o velho proletariado). Nesta linha de pensamento, é a própria noção de sujeito racional, filho da modernidade, a sua capacidade reflexiva e o poder da sua consciência como motor da história, que estão em causa. Concorde-se ou não, com

este paradigma emergem as noções de fluidez e hibridez, a dinâmica dos fluxos e circuitos, concebendo-se a possibilidade de uma segunda “natureza”, induzida pela tecnologia. Enquanto a ideia do ciborgue nega a homogeneidade do humano, a filosofia do “pós-modernismo”, nomeadamente com a metáfora do rizoma (Deleuze & Guattari) pretende substituir saberes e racionalidades substantivas por “linhas de fuga”, “narrativas”, interconexões entre superfícies de conhecimento. Dito de outro modo, é a intensidade das correntes discursivas, da energia e do movimento, que reverte os indivíduos em meros pontos de passagem, interligados por redes em aceleração, expressão de uma “sociedade líquida”, em permanente desconstrução, inclusive a da própria identidade dos sujeitos e coletividades que a compõem.

Estas teses são questionáveis, mas a cibernética e a linguagem digital ajudam-nos a interpelar desafios de um futuro que já está entre nós, pois a era da robótica e da inteligência artificial vem colocar novos desafios. Com a evolução da biotecnologia, da manipulação genética, os novos fármacos, próteses, transplantes, etc., surge toda uma variedade de inovações que acrescentam artificialidade ao natural e mostram como a “biologia”, na sua conceção tradicional, cede cada vez mais perante o progresso da tecnologia. As novas técnicas de clonagem, os avanços da robótica, do digital e da “inteligência artificial”, etc., obrigam-nos a questionar: “onde acaba o humano e começa a máquina?”; ou antes: “onde acaba a máquina e começa o humano?”.

“Na aparência, o mundo e o conhecimento estão no bolso de cada um. Na realidade, esta iconografia digital parece anular o cidadão”

Não só o natural e o artificial se tornam indistintos como há cada vez mais exemplos em que o último suplanta o primeiro – os transplantes, a inseminação artificial ou a mudança de sexo são exemplos disso. As teorias feministas foram das primeiras a encarar o assunto. Como assinalou uma conhecida socióloga dessa corrente, “as dicotomias entre mente e corpo, animal e humano, organismo e máquina, público e privado, natureza e cultura, homens e mulheres, primitivo e civilizado estão,



todas, ideologicamente em questão” (Donna Haraway, *Simians, Cyborgs and Women*, 1991). Nesta perspetiva, a metáfora do ciborgue ajudou a desconstruir velhas ideologias e crenças enraizadas, tais como o patriarcado e outras formas de discriminação. Ao questionar estereótipos e dogmas autojustificados, contribuiu para enfrentar assimetrias de poder social, e designadamente a ancestral subalternização da condição feminina, abrindo novas possibilidades emancipatórias para diversos segmentos marginalizados ou excluídos.

Mas a revolução digital apoia-se em forças mais tangíveis. O poder crescente das grandes cadeias de negócio e redes globais protagoniza hoje uma luta sem tréguas pela hegemonia. De um lado, as empresas de Silicon Valley, como a Google, Apple, Facebook e Amazon (o chamado grupo GAFAM), usam os meios digitais e o monopólio das principais redes informáticas para perseguir as “pegadas” dos incautos consumidores – por exemplo, desenhando perfis de clientes e formatando as suas escolhas. De outro, as novas empresas chinesas do campo digital, como a Baidu, Alibaba e Tencent (o grupo chamado BAT), sob coordenação estratégica do Estado chinês, disputam com os rivais americanos os mercados emergentes, ao mesmo tempo que aperfeiçoam sistemas de vigilância capazes de observar ao detalhe a vida privada de milhões de cidadãos.

Em todo o mundo, o imenso potencial tecnológico em marcha arrasta consigo um leque de consequências sociais e psicológicas

impossíveis de vislumbrar. A combinação entre o capitalismo global, o neoliberalismo e a digitalização parece desenhar diante de nós um sistema social cada vez mais mercadorizado, mas em que a autonomia dos indivíduos se vê cada vez mais confinada. Em rigor, a “escolha racional” nunca passou de um mito. Mas agora trata-se simplesmente de fabricar racionalidades consentâneas com os produtos e serviços disponíveis no mercado. Por um lado, promove-se e estimula-se a iniciativa individual na crescente dependência das tecnologias digitais; por outro, anula-se ou constrange-se fortemente a emergência de novos sujeitos coletivos que se oponham ao sistema ou que nele pretendam abrir brechas para novas utopias. Apoiando-se no marketing multidimensional das redes digitais, a exploração do potencial cliente dá lugar à sua fabricação em massa. Com a ajuda decisiva de sofisticados *softwares* destinados a vigiar, passo a passo, os nossos gestos diários, definem-se segmentos de clientes com padrões de gosto específicos e devidamente moldados para receber cada novo produto que as grandes marcas lançam no mercado.

E neste processo são os próprios indivíduos – a aposta nas camadas mais jovens não é accidental – que se tornam os principais lubrificadores do sistema. As nossas faculdades sensoriais e modelos comportamentais estão a ser alterados sem que disso nos apercebamos. Alucinados nesta vertigem coletiva, seduzidos pelo brilho e afabilidade dos *gadgets* que transportamos no bolso, guiados por estímulos e rotinas que nos evadem do mundo real, perdemos o sentido da cadeia comunicacional ou da busca do conhecimento. Diversos estudos têm revelado que a dependência dos aparelhos, a crescente viciação no dedilhar, a infinita panóplia de ícones, aplicativos animados e plataformas, estão a induzir mutações impressionantes nos esquemas cognitivos dos jovens e adolescentes.

Perante esta imensa voragem comunicacional e informativa, o ser humano esgota-se na busca incessante da informação, num esforço exaustivo e sem alvo definido, mas incapaz de consolidar conhecimento. Em suma, o *Homo digitalis* corresponde à imersão do indivíduo no mar de fluxos e equipamentos digitais que penetram e dominam a nossa identidade pessoal. Na aparência, o mundo e o conhecimento estão no bolso de cada um. Na realidade, esta inebriante iconografia digital parece anular o cidadão, ao mesmo tempo que promove a clonagem massificada de consumidores alienados.

**Professor da Faculdade de Economia e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra**

# Raquel Varela: má-fé, mistificação ou pura ignorância?

## Direcção Nacional da Fectrans

### A federação afecta à CGTP responde ao texto Os camionistas a defender a nossa democracia

**N**o texto de 15/8/2019, Raquel Varela (R.V.) deixou bem à vista o seu ódio à CGTP-IN, apoiando-se num conjunto de mentiras e omissões que só podem ter origem na má-fé, na vontade de mistificar ou numa profunda ignorância da realidade e dos limites do seu próprio conhecimento.

O texto começa com uma calúnia onde fica patente que R.V. não faz sequer ideia do que fala: “A Fectrans, dirigida maioritariamente pela CGTP, está eleitoralmente comprometida com o apoio ao Governo actual.” É que a Fectrans é uma Federação da CGTP-IN, faz parte da CGTP-IN. São os sindicatos que se organizam na CGTP-IN, e que se organizam nas suas Federações e Uniões. Quanto ao “eleitoralmente comprometida”, é uma mera calúnia, desmentida pela realidade, e que qualquer leitor pode conhecer melhor consultando [www.fectrans.pt](http://www.fectrans.pt). Para dar apenas alguns exemplos, foram lutas da Fectrans contra o actual Governo: contra a introdução do agente único na ferrovia, contra a destruição da EMEF, contra o alargamento da idade de reforma dos motoristas e pela entrada de trabalhadores nas empresas do sector público. Sem esquecer a luta contra a revisão do Código de Trabalho cozinhada por PS-PSD-CDS-UGT-Patrões e sem esconder que já neste processo de luta, a Fectrans tomou posição pública contra os serviços mínimos (rotulando-os de máximos) e contra a requisição civil (que viola o direito à greve).

#### A mentira da isenção de horários

Logo depois, R.V. diz que a Fectrans assinou “em 2018 um acordo em que os motoristas ficam pior do que estavam”, o que é notável vindo de quem nem leu o anterior nem o actual CCTV. Depois continua: “Este acordo prevê isenção de horário por um valor fixo de 280 euros.” O que é mentira. Não há qualquer regime de isenção de horário, o que existe é o alargamento do “Regime de trabalho para os trabalhadores deslocados” já existente no anterior CCTV (antiga cláusula 74, actual 61), que era para os trabalhadores do internacional e é alargado aos trabalhadores do nacional. Recebem “o correspondente a duas horas de trabalho



NUNO FERREIRA SANTOS

suplementar” diárias (e não o “valor fixo de 280 euros” com que R.V. sonhou).

Este subsídio remunera um regime legal diferente (e pior!) dos restantes trabalhadores (DL 237/2007) cujas regras “prevalecem sobre as disposições correspondentes do Código do Trabalho”. Mas se o regime dos trabalhadores móveis é pior do que o regime normal (e por isso a Fectrans lutou contra ele quando foi implementado), nele também se estipula, por exemplo, que “A duração do trabalho semanal dos trabalhadores móveis, incluindo trabalho suplementar, não pode exceder sessenta horas, nem quarenta e oito horas em média num período de quatro meses”. E sublinho: incluindo trabalho suplementar!

É que qualquer regime como o descrito por R.V. (15 horas de trabalho diário ou as 75 horas de trabalho semanal que deixa subentendido) é completamente ilegal, não o permite a lei nem o CCTV! Onde for aplicado é em violação da lei, sejam as horas pagas ou não.

R.V., se conhecesse, poderia ter espelhado algumas das justas críticas que os motoristas têm feito à cláusula 61, nomeadamente o conteúdo do seu ponto 3, que prejudicava o pagamento do trabalho nocturno, e que foram tidas em conta na revisão do CCTV em curso e contempladas no memorando assinado.

Mais à frente R.V. volta a insistir na tese da isenção de horário: “A questão-chave da isenção de horário foi demonstrada

pelos serviços mínimos. Os trabalhadores limitaram-se a cumprir a lei, trabalhando oito horas.” Pois, mas a lei não só não coloca o limite nas oito horas como ainda soma, como tempo de não trabalho, o “tempo de disponibilidade”. Não há qualquer isenção de horário no CCTV nem ele é a causa dos problemas dos motoristas.

#### A mistificação com os horários de trabalho

R.V. fala-nos nos perigos para os condutores de oito horas “contínuas de condução”, omitindo que são totalmente proibidas pois a lei estipula um máximo de 4,5 horas consecutivas. Mas continua: “O tacógrafo tem um limite de nove horas de condução, mas podem e trabalham mais outras cinco a seis horas por dia em cargas e descargas, tempos de espera, facturação, etc.” Naturalmente, R.V. não domina a complexidade legislativa que regula o trabalho dos motoristas. É que há o tempo de trabalho, o tempo de condução, o tempo de descanso e o tempo de disponibilidade. Cada um deles coisa diferente e com limites determinados. São os patrões que confundem propositadamente este conjunto de “tempos” para explorar os motoristas. Mas essa actuação é ilegal. O tempo de trabalho não é o tempo de condução, se o motorista conduzir nove horas e depois ficar duas horas a tratar de papéis, isso soma-se ao tempo de trabalho que é remunerado e tem limites. Mesmo o tempo de disponibilidade, conceito inventado na União Europeia, não pode ser usado para cobrir qualquer coisa, apesar dessas horas serem consideradas como “não trabalho”. E as cargas e descargas não são tarefa dos motoristas, com excepção daqueles casos (tipificados no CCTV) em que esse trabalho está nas suas funções, é remunerado e contado como tempo de trabalho (por exemplo, a descarga de combustível).

Não vale a pena entregar carta branca ao patronato: as leis são más, mas não permitem situações como a descrita por R.V. – cargas diárias de nove horas de condução mais seis horas de trabalho. E o CCTV veio melhorar esse regime e não agravá-lo!

#### A mistificação com os salários e os descontos

R.V. afirma que os descontos nos salários dos motoristas continuam a ser feitos apenas sobre o salário-base. Mas isso é mentira desde a entrada em vigor do CCTV de 2018, pois este alargou a base da remuneração sujeita a descontos. Os motoristas passaram a descontar sobre o vencimento-base mais o complemento salarial mais a cláusula 61.<sup>a</sup> mais o trabalho nocturno mais as diuturnidades, recebendo ainda um complemento de doença no caso de internamento ou convalescença hospitalar que garante a remuneração integral por um período de 30 dias.

Diz R.V. que antes poderiam receber por fora até 800€ em horas extraordinárias. Talvez, mas por horas extraordinárias feitas acima dos máximos legais e pagas ilegalmente. Ora o que o CCTV veio fazer é impedir esses abusos. Porque, repetimos, ninguém tem de fazer mais trabalho suplementar que o que a lei e o CCTV permitem – conjugação das cláusulas 61 com a 21 e a 26.

R.V. dá o exemplo dos “estivadores que ao fim de 39 dias de greve total conseguiram um salário-base de 978,47€ mais subsídio de turno de 175,32€, isto é, 1153,79€. Tudo na folha de recibo com todos os descontos legais inerentes”. É verdade, e a Fectrans acompanhou solidária a greve e as negociações. Mas o regime do actual CCTV já aponta para, no caso de um motorista do nacional com direito a três diuturnidades, que o salário seja de 630€ mais 12,60€ mais 325,46€ mais 63€ mais 48€, ou seja, 1079,06€. E que no caso dos trabalhadores de matérias perigosas ainda é acrescido de um subsídio de risco de 165€, totalizando 1244,06€. E, sempre, “tudo na folha de recibos com os descontos legais inerentes!”. Valores que ainda serão aumentados em 2020 (173,4€ no exemplo inicial), conforme o memorando assinado ontem!

E isto aplica-se a todos os trabalhadores (excepto quem deduziu oposição à portaria de extensão). Onde tal não acontece é por estarmos perante a actuação ilegal do patronato. Pelo que a Fectrans não se tem cansado de exigir uma mais célere resposta da ACT, que está paralisada pelo Governo (por falta de meios e de vontade).

**Federação do Sindicato de Transportes e Comunicações filiada na CGTP**

# POLÍTICA

## Rio diz que emigrantes são “peça da solução” que propõe ao país

Líder social-democrata reuniu-se em Viseu com representantes das comunidades portuguesas. Criticou Governo por carregar nos impostos ao mesmo tempo que diz que a economia está “esplêndida”

**PSD**  
**Sandra Rodrigues**

Rui Rio quer que as comunidades portuguesas no estrangeiro sejam um eixo fundamental da política externa portuguesa e que os emigrantes, que vê como os “embaixadores informais” do país, sejam uma das soluções para uma “economia mais robusta” em Portugal. Em Viseu, onde discursou no encerramento de um encontro com a diáspora promovido pelo PSD, o presidente do partido falou de um “activo fundamental” e de um “património brutal” que o país tem para o seu desenvolvimento.

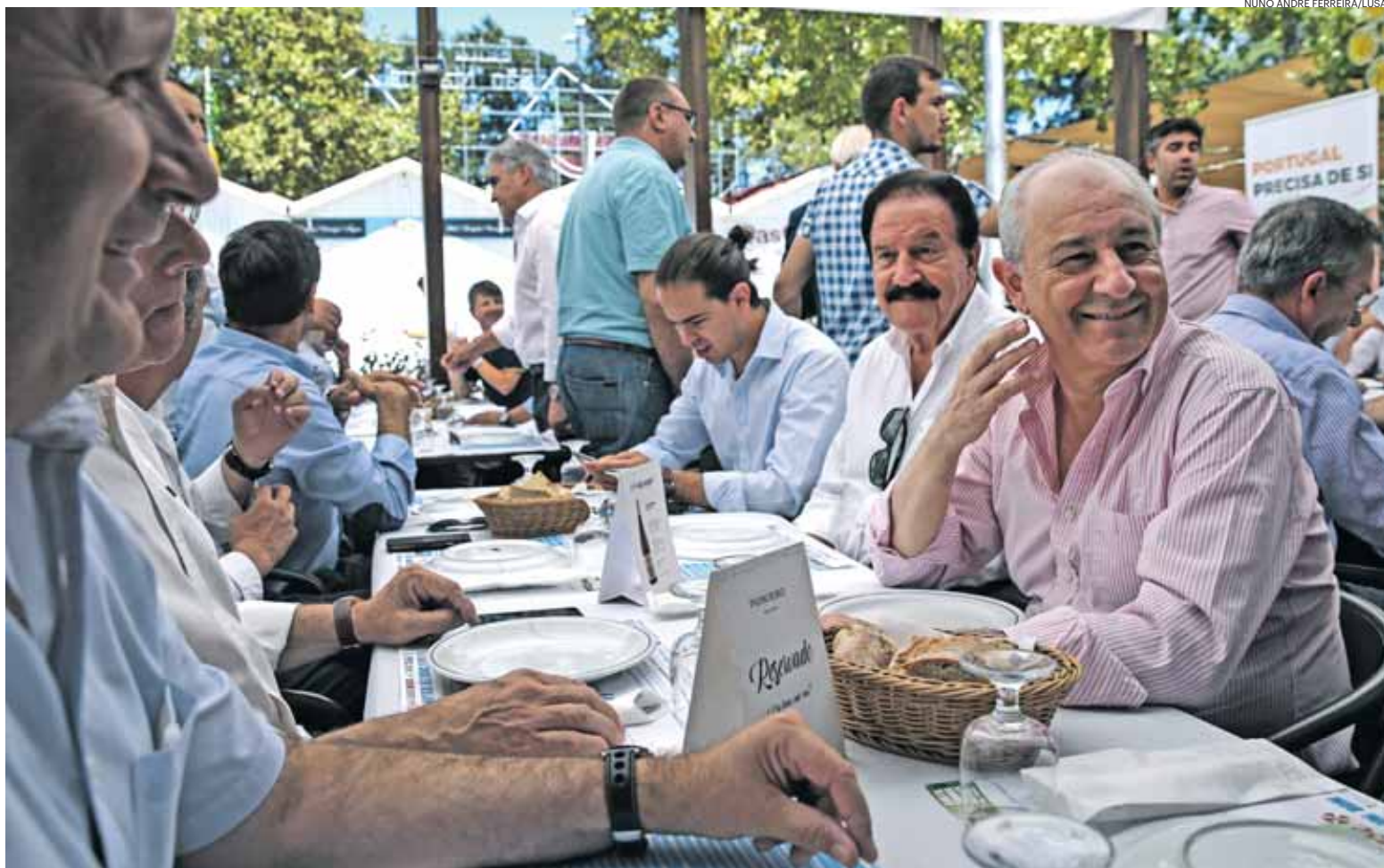
“Aquilo que é o primeiro objectivo do PSD ganhando as eleições é aquilo que é a aspiração de todos. Ou seja, ter uma economia mais forte e robusta, mais riqueza. Temos de ser capazes de oferecer melhores empregos e melhores salários. Se o salário é mais forte, é porque a economia é mais forte e, se a economia é mais forte, o Estado é mais forte e, se o Estado é mais forte, pode prestar melhores serviços aos cidadãos – que é aquilo que não tem sido feito por este Governo”, disse.

Para Rui Rio, as comunidades portuguesas “são e podem ser uma peça importante da solução” que o PSD apresenta a 6 de Outubro ao país.

O líder social-democrata lembrou as três ligações estratégicas (Europa, Atlântico e Lusofonia) que Portugal tem de aproveitar, considerando tratar-se de eixos fundamentais da política externa portuguesa. “Nas comunidades portuguesas há muita gente com uma situação económica boa e com capacidade de investimento. Por outro lado, os portugueses que estão lá fora são pessoas que abrem com facilidade mercados aos produtos portugueses”, exemplificou.

Aos “embaixadores informais”, Rui Rio disse-lhes que não são a “única solução” nem para as exportações nem para o investimento, mas podem ser “uma peça decisiva”.

E se às comunidades portuguesas é preciso “acarinhá-las e dar-lhes oportunidades”, aos portugueses o presidente do PSD disse que é preci-



NUNO ANDRÉ FERREIRA/LUSA

### Zita Seabra está com a Iniciativa Liberal

Zita Seabra desfilou-se do PSD e é a mandatária nacional da Iniciativa Liberal (IL) para as legislativas de 6 de Outubro. “Durante o Estado Novo, esteve ao lado dos que lutaram pela liberdade. Depois, esteve ao lado dos que lutavam por um Portugal europeu. Agora, está do lado dos que lutam pelo liberalismo. Representa a evolução de que o país precisa”, sintetiza Carlos Guimarães Pinto, presidente da IL, sobre a escolha da ex-militante do PCP e do PSD para mandatária nacional. Em declarações ao *Expresso*, Zita Seabra dá nota do seu

afastamento do PSD, há meses e sem ruído, e explica porque aceitou o convite da IL. “A direita está numa situação moribunda, completamente desfeita. (...) A pergunta que se impõe é quais são os caminhos para refazer a direita em Portugal. Acredito que passa por uma direita que não tenha medo de ser de direita e liberal”, argumenta. Quanto à situação do partido de Rio, comenta que, “nas democracias liberais, os partidos nascem e morrem”. “Estou certa de que também o PSD vai estar nesse processo de maturação e encontrar o caminho.” **N.R.**

**Rio foi acompanhado em Viseu pelo actual presidente da câmara, Almeida Henriques, e pelo ex-autarca e ex-eurodeputado Fernando Ruas**

so dar-lhes “melhores empregos e melhores salários”.

“Uma das coisas que pretendemos fazer é inverter o que tem vindo a acontecer (...), o aumento dos impostos, da carga fiscal. E se há momentos na história da nossa economia em que se justifica que os impostos tenham de subir por causa da degradação das contas públicas, há momentos em que assim não se justifica. Não pode o Governo dizer que a economia está esplêndida e ao mesmo tempo aumentar a carga fiscal de forma brutal como aumentou”, frisou. Nas promessas do PSD está o alívio

no IRS e no IRC e uma distribuição justa das margens orçamentais, mas sem ilusões. “Nós cuidámos de fazer um quadro macroeconómico bem feito, equilibrado e justo. Mas não vamos entrar em demagogia, porque isso seria pegar na folga toda e, por exemplo, baixar tudo no IRS, porque é aquilo que as pessoas sentem de imediato e o Governo fica popular. Não, vamos dar uma baixa no IRS e também no IRC, porque aquilo que nós queremos é preparar o futuro e são as empresas que devem fazer as tais exportações e podem fazer os tais investimentos que nos vão poder dar os tais empregos melhores e os tais salários melhores”, concluiu.

Depois do encontro com a diáspora, com cerca de 20 representantes das várias comunidades espalhadas pelo mundo, Rui Rio visitou a Feira de S. Mateus, onde almoçou.

100  
FOLHAS

# CONHEÇA A HISTÓRIA OS LÍDERES E AS IDEIAS POR TRÁS DO PEV E DO PAN

+7,95 €

QUARTA, 21 AGO  
COM O PÚBLICO

P



## Colecção Representar os Portugueses Breve História de Grandes Partidos.

Vasco Ribeiro e José Santana Pereira

Das preocupações ambientais à defesa dos animais, da fundação do Partido Ecologista "Os Verdes" nos anos 80 à meteórica ascensão eleitoral, mais recentemente, do ainda jovem Pessoas-Animais-Natureza. Conheça os bastidores dos dois partidos do parlamento português que fizeram da bandeira ecológica o elemento central da sua acção política. Uma colecção de 6 livros Público, que relata a importância dos 7 principais partidos da actualidade na evolução da sociedade portuguesa. Ilustrada por um conjunto de fotografias de Alfredo Cunha e selecção de propaganda de José Pacheco Pereira/Arquivo Ephemera.

# SOCIEDADE

## Vagas no pré-escolar: há mais queixas, mas são localizadas

Sintra garante que houve lugar para todas as crianças no pré-escolar, Lisboa esgotou as novas vagas que abriu e em Setúbal ainda há 210 crianças em lista de espera. Para já, ministério não vai divulgar balanços

**Educação**  
Clara Viana

No Portal da Queixa, uma rede social de consumidores, continua a subir o número de reclamações de pais por não terem conseguido ainda vagas para os filhos, sobretudo na educação pré-escolar. Desde o fim de Julho até quarta-feira, 14 de Agosto, passaram de cerca de uma dezena para perto de 30.

As listas de colocação dos alunos nas escolas e jardins-de-infância foram afixadas a 19 de Julho, mas o Ministério da Educação informa que não pode ainda fazer um balanço a este respeito porque “os sistemas de bases de dados da rede estão em fase de estabilização”. Mas há municípios que já têm contas feitas, conforme comprovou o PÚBLICO numa pequena ronda de contactos.

Em Sintra, que é o segundo concelho mais populoso do país, a câmara municipal indica que a oferta existente garantiu “a integração da totalidade das crianças em idade de pré-escolar no próximo ano lectivo”. A maioria conseguiu lugar na rede pública, que tem agora uma “capacidade de acolhimento” de cerca de 5000 crianças, adianta a assessoria de imprensa. A mesma fonte especifica que para o próximo ano lectivo estão inscritas 2650 crianças que já estavam no pré-escolar, a que se juntarão mais 2350 novos alunos: 1125 de cinco anos, 975 de quatro anos e 250 de três anos.

O Estado está obrigado a assegurar a frequência da educação pré-escolar “em regime de gratuidade” às crianças de quatro e cinco anos. Mas esta obrigação ainda não abarca as de três anos por não estarem ainda abrangidas pela chamada “universalização da educação pré-escolar”, apesar de o Governo ter prometido que tal aconteceria até ao final da legislatura. A verdade é que quando publicou o despacho das matrículas referentes ao ano lectivo de 2019/2020 as crianças de três anos continuavam na segunda prioridade, atrás das crianças de quatro e cinco anos.

Por essa razão, muitas das queixas apresentadas pelos pais são relativas à falta de vagas para crianças daquela



No ano lectivo de 2019/2020 só estão garantidas vagas para crianças de 4 e 5 anos; as de 3 anos ainda surgem na segunda prioridade

idade, embora também existam várias reclamações por não existirem lugares para alunos mais velhos.

### “Agradável surpresa”

A Câmara Municipal de Lisboa refere que ainda não sabe qual o número de crianças de três anos que não tiveram lugar. Estão à espera que a Direcção-Geral dos Estabelecimentos Escolares (Dgeste) lhes envie estes dados. Mas, pelo que já lhes foi comunicado, indicam que foram preenchidas 500 das 550 novas vagas abertas para o próximo ano lectivo.

Como 50 destes novos lugares não foram aceites pelo Ministério da Educação, tal significa que a totalidade das novas vagas realmente existentes “foram absorvidas”, o que constituiu uma “agradável surpresa e mostra

que eram de facto necessárias”, adianta o assessor do vereador Manuel Grilo, que tem o pelouro da Educação. A mesma fonte admite, porém, que possa ainda existir alguma carência de vagas, sobretudo no centro da cidade.

A autarquia reconhece também que, entre os pais que só tenham escolhido uma escola (o ministério aconselha o registo de cinco opções), possa haver quem não tenha ainda um lugar para os filhos. Mas poderá haver outras razões. O movimento Chega de Moradas Falsas, constituído há dois anos por pais de alunos do agrupamento Filipa de Lencastre, em Lisboa, entregou na semana passada uma queixa à Inspeção-Geral da Educação dando conta de que foram aceites crianças que não residem na

área da escola, enquanto outras que vivem por perto ficaram de fora.

A autarquia do Porto escusou-se a apresentar dados quanto à ocupação de vagas nos jardins-de-infância. “A entidade competente para responder é a Direcção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, não cabendo à Câmara Municipal do Porto o processo de gestão de matrículas do pré-escolar”, indicou. A Câmara de Almada também não respondeu.

Já a Câmara Municipal de Setúbal pediu informação aos seis agrupamentos de escolas da cidade. Dois já não tinham, na semana passada, crianças em lista de espera e um não tinha ainda apurado todos os dados. No conjunto dos outros três agrupamentos existiam 210 crianças entre os três e os cinco anos ainda sem vaga.

“Esta informação ainda não é a final, porque há crianças que podem não ter sido colocadas num agrupamento e tê-lo sido noutra”, ressalva o vereador com o pelouro da Educação, Ricardo Oliveira.

Cascais tem 1550 vagas na rede pública do pré-escolar. Foram todas preenchidas, mas 138 crianças de quatro e cinco anos acabaram por não ficar colocados porque os pais só escolheram uma opção, informa a autarquia. Que garante, contudo, que nenhuma criança do concelho “ficará sem acesso ao pré-escolar”. As que ficaram por colocar terão lugar na rede solidária (com frequência participada pelo Estado) ou no privado, adianta.

cviana@publico.pt

## Zonas balneares: 37 já registaram problemas

**Qualidade da água**  
Ana Cristina Pereira

Até agora, houve menos uma zona banear com banhos desaconselhados ou proibidos do que no ano passado

A associação ambientalista Zero comparou a qualidade das águas nesta época banear com as do ano passado e congratulou-se. Até agora, houve menos uma zona banear com banhos desaconselhados ou proibidos.

Analisando os dados disponibilizados pelo Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos, a Zero constatou que há 608 zonas balneares no território nacional. Mesmo que durante um curto período de tempo, já foi desaconselhado ou mesmo proibido tomar banho em 37, menos uma do que em igual período do ano passado.

Sete foram interditadas por um delegado regional de Saúde por haver um risco de contaminação, salienta Francisco Ferreira, professor na área do ambiente na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e presidente daquela organização fundada em 2015. E 30 foram, em algum período, desaconselhadas por causa de análises que ultrapassaram os limites fixados dois parâmetros microbiológicos que são avaliados (*Escherichia coli* e *Enterococcus* intestinais) ou por terem histórias de, por exemplo, microalgas vermelhas, como aconteceu em Junho com diversas praias no Algarve, em particular as situadas entre Faro e Loulé.

Tendo como ponto de referência o dia 15 de Agosto e comparando esta época banear com a do ano passado, Francisco Ferreira nota que o número de praias com problemas (de 6,3% para 6,1) pouco diminuiu. Fazendo uma análise mais fina dos dados, verifica que o número de zonas balneares por alguma razão desaconselhadas desceu (de 38 para 30). Ao mesmo tempo, houve um aumento (de três para sete) das interditadas por algum delegado regional de Saúde. O ambientalista destaca que as contaminações afectaram oito zonas balneares do interior.

acpereira@publico.pt



ADRIANO MIRANDA/ARQUIVO

As buscas envolveram meios da Força Aérea e da Marinha

## Pescadores de barco desaparecido há três dias estão bem

**Salvamento**

**Atuneiro Sete Mares foi virado por uma onda na quarta-feira de manhã. Balsa foi a salvação dos sete homens que iam a bordo**

Um grande susto para os tripulantes do atuneiro *Sete Mares*, seus familiares e amigos. Equipas da Marinha Portuguesa e da Força Aérea encontraram ontem uma balsa com os sete homens a bordo, a dez milhas a sul da ilha da Madeira.

Os sete pescadores do atuneiro madeirense *Sete Mares*, que esteve incontactável desde quarta-feira de manhã, desembarcaram ao final do dia no Funchal. Contaram que uma forte ondulação acabou por fazer a embarcação naufragar.

O mestre Gregório, o responsável da embarcação, contou que faziam a pesca do atum a 12 milhas da Ponta do Pargo, na zona oeste da ilha da Madeira, quando foram surpreendidos por “uma onda com quatro a cinco metros” e o barco “foi ao fundo”. O pescador, que anda “há 43 anos no mar”, salientou que “a ondulação estava muito forte” e que tudo aconteceu cerca das 9h15 de quarta-feira.

Mencionou que “não deu tempo para nada”, nem para utilizar os meios de socorro, apenas para “lançar a balsa”, que até caiu “ao contrário” no mar, tendo um dos pescadores conseguido voltá-la. “Três ficaram

dentro e os outros lançaram-se ao mar”, referiu, adiantando que estiveram na balsa durante “quatro dias e três noites”.

Ao final da tarde de ontem, a Marinha avançava a informação de que os sete pescadores tinham sido resgatados e que se encontram bem.

O mestre da embarcação de pesca criticou o facto de a balsa não estar devidamente apetrechada com água, mantimentos e elementos de localização suficientes.

O *Sete Mares* era um atuneiro com cerca de 13 metros e naufragou ao largo do Funchal.

Dos sete pescadores, seis são da freguesia do Caniçal, no concelho de Machico, no extremo leste da Madeira. Destes, três são irmãos e um é da freguesia vizinha de Machico.

Os pescadores foram resgatados e conduzidos até ao Funchal pela lancha rápida da Marinha Portuguesa *Hidra* e a aguardá-los, no porto do Funchal, estavam familiares e elementos da Equipa Médica de Intervenção Rápida (EMIR) que fizeram uma reavaliação do seu estado de saúde.

Também estavam o comandante da Zona Marítima da Madeira, o secretário regional da Agricultura e Pescas e o director das Pescas da Madeira.

A operação de busca e salvamento, desencadeada na sexta-feira, envolveu a lancha *Hidra* e o navio-patrolha *Tejo*. Ontem foi mobilizado o C-295 da Força Aérea, que encontrou os pescadores. “Não nos largou até chegarem os barcos”, declarou mestre Gregório. **PÚBLICO/Lusa**

## Crónica da Vanessa

Não conhece a Vanessa?

As suas histórias foram publicadas no PÚBLICO entre 2001 e 2005.

Voltou agora. Interessa-se mais ou menos por política mas o grande problema da sua vida é o amor. Ou os amores, no plural.

De segunda-feira a sábado



## P2 Verão

E então chega o Verão e o seu jornal de sempre estica-se ao sol, dá-lhe outros tempos de leitura e temas variados, no P2 diário [publico.pt/p2](http://publico.pt/p2)

# Simplificar uma carta fez subir em 50% pagamento voluntário de dívidas

Projecto do Ministério da Justiça foi lançado há pouco mais de dois anos no âmbito dos processos que permitem exigir pagamento de dívidas de pequeno valor, as chamadas “injunções”

**Justiça**  
Mariana Oliveira

Pode simplificar o texto de uma carta ter efeitos significativos na actuação dos seus destinatários? Pode. A provável está o projecto de simplificação das notificações enviadas aos visados nos processos que permitem avançar para a cobrança de dívidas de pequeno valor, as chamadas “injunções”. A lei não foi alterada, as regras mantiveram-se exactamente as mesmas, mas apenas mudar o texto e a apresentação das notificações recebidas pelos alegados devedores fez com que o pagamento voluntário das dívidas subisse 50%.

Quem o diz é o Ministério da Justiça, que garante ter concluído a primeira fase deste projecto “com prata da casa” e a custo zero. As novas citações começaram a ser usadas pelos tribunais em Junho de 2017 e, quase dois anos depois, em Junho deste ano, já tinham sido enviadas mais de 400 mil notificações. “As mudanças realizadas no texto das notificações, mas também na formatação – com o tamanho dos caracteres, espaçamento interpalavras e utilização de negrito e zonas sublinhadas, com uma organização mais lógica –, permitiu um aumento em 50% no pagamento das dívidas após a notificação aos destinatários”, explica o Ministério da Justiça, numa resposta enviada ao PÚBLICO.

Neste tipo de processos, usados em massa pelas empresas de telecomunicações ou de distribuição de energia, é enviada uma carta para a morada da pessoa ou da empresa visada, a informá-la de que deve proceder ao pagamento da alegada dívida. Num prazo de 15 dias, o visado é obrigado a pagar ou a apresentar os motivos que explicam porque considera não ter essa obrigação. “A linguagem utilizada [na notificação] era opaca e muitas vezes os destinatários nem conseguiam perceber claramente que órgão judicial tinha emitido o aviso, ou como proceder para liquidar as dívidas, que podem ser resolvidas de forma simplificada no Balcão Nacional das Injunções”, reconhece o Ministério da Justiça.



Novo tipo de notificação, mais claro quanto aos direitos dos cidadãos, também fez subir em 160% os pedidos de apoio judiciário

A secretária de Estado da Justiça, Anabela Pedrosa, admite que na área da justiça a linguagem é tradicionalmente hermética, cheia de termos técnicos e siglas que são difíceis de entender pelos cidadãos. “Sem nunca perdermos a segurança jurídica, temos a obrigação de ser mais pragmáticos e mais simples”, afirma a governante.

O aumento dos pagamentos voluntários não foi o único efeito visível das novas notificações, que levaram igualmente a um aumento de 160% nos pedidos de apoio judiciário, tendo subido em 75% o número de apoios efectivamente concedidos. “A mudança permitiu dar aos cidadãos um melhor conhecimento dos seus direi-

tos, o que fez subir significativamente o recurso ao apoio judiciário”, analisa Anabela Pedrosa.

Os bons resultados do projecto e a consciência de que há muito a fazer nesta área fizeram o Ministério da Justiça avançar para uma segunda fase da iniciativa, que já se encontra em curso. Em Setembro, deverá nascer uma nova notificação dirigida às testemunhas obrigadas a comparecer em diligências judiciais e um tipo de citação, transversal a várias áreas do direito, como trabalho, família e menores ou a área cível. A notificação terá um tronco e uma estrutura comum e algumas partes distintas consoantes as especificidades de cada uma das áreas do direito. “O critério

que tem sido seguido é o de identificar os modelos que apresentam maior volume de utilização e, por isso, cuja simplificação se traduzirá num maior impacto imediato”, explica o Ministério da Justiça.

Mas o trabalho está longe de terminar. Um levantamento feito pelo ministério concluiu que as secretarias têm mais de cinco mil modelos de notificações e citações entre as formas de comunicação com os cidadãos e empresas. “Claro que ninguém consegue trabalhar com cinco mil formulários”, reage Anabela Pedrosa, que acredita que, na realidade, estas comunicações se reduzem-se a 20 ou 30 tipos diferentes, sendo os restantes pequenas variações daqueles. A

secretária de Estado da Justiça adianta que os novos formulários serão integrados numa nova versão do sistema informático dos tribunais, o Cítiu. “Estamos a desenvolver um *upgrade* do Cítiu, que terá um interface adaptado aos vários tipos de destinatários. Um só para juízes, outro só para procuradores, etc. Os novos formulários deixarão de ser em Word e passarão a estar incorporados no próprio sistema”, explica Anabela Pedrosa. As novas interfaces deverão entrar em testes em Setembro e o *upgrade* do Cítiu deve estar a funcionar em pleno no próximo ano, estima a governante.

meoliveira@publico.pt

Público  
P

# *Quem lê o Público sabe mais*

**Obrigado por escolher o jornal  
mais lido na internet**

Ranking netAudience do mês de Julho de 2019



*Fugas*

P2

P3

PODCASTS P

guiadolazer

cinecartaz

Culto



# A Cidade das Bicicletas é um livro que quer ser rua

Especialista em mobilidade, Paula Teles escreveu uma gramática para cidades cicláveis. Um contributo para uma mudança na agenda política, assume

**Mobilidade**  
Abel Coentrão (textos),  
Paulo Pimenta (fotografias)

Paula Teles voltou a usar uma bicicleta “muito devagarinho” por estes dias. Deixara de o fazer em Julho de 2017, depois de um acidente no Porto. Seguiu em passeio com um grupo em duas rodas, ciclovias da Avenida da Boavista abaixo, quando um carro, por sinal bem estacionado, abriu a porta, criando uma barreira na qual ela e parte do grupo foi embater. Culpa de uma via mal desenhada, à qual falta uma distância de segurança entre a pista e os automóveis parados, esta especialista em mobilidade foi parar ao Hospital de Santo António. Culpa de uma via mal desenhada, começou, desde então, a trabalhar no livro que lançou neste Verão. Chamou-lhe *A Cidade das Bicicletas*.

Chamou-lhe também, em subtítulo, *Gramática para o Desenho de Cidades Cicláveis*, porque é isso mesmo que o livro é: um compêndio detalhado de regras para planeamento e projecto, bebidas nas boas práticas internacionais, para técnicos da área do planeamento urbano e da mobilidade de municípios e “até de empresas concorrentes” poderem ter à mão, e em português, um guia de consulta fácil. Ao PÚBLICO, a autora explicou que se voltou para as questões da democratização do acesso ao espaço público quando há 23 anos foi mãe pela primeira vez, e se confrontou com a dificuldade de circular com um carrinho de bebé nas ruas. A cidade não estava feita para ela.

## Uma questão de linguagem

Nessa altura, Paula Teles trabalhava na Divisão de Trânsito da Câmara de Matosinhos. E trânsito era trânsito, ou seja, essencialmente carros, recorda, abordando a forma como ainda somos traídos pela linguagem. Dos departamentos das universidades aos nomes dos ministérios, aponta, ainda se fala muito em transportes, quando a Europa nos pede que pensemos em

mobilidade sustentável. “Eu formei-me na área dos transportes mas quero ser reconhecida como especialista em mobilidade”, diz, assinalando que essa especialidade não existe para a Ordem dos Engenheiros, a que pertence. Uma situação que, revela, está a ajudar a resolver.

Se a linguagem dos transportes está muito centrada em veículos, Paula Teles insiste que hoje é de espaço público, e do direito do cidadão ao espaço público, que temos de falar, em termos urbanos. “No meu dia-a-dia não me livro de pensar na questão social, no ambiente, na demografia e no envelhecimento, na saúde e na felicidade, de trabalhar com a antropologia e a sociologia urbana. Há novas abordagens, multidisciplinares, que têm de entrar na engenharia dos transportes”, alerta esta engenheira civil especializada em planeamento, cuja tese de mestrado, publicada em livro em 2005, abordava *Os territórios Sociais da (I)Mobilidade*, centrando-se nas dificuldades das mulheres, dos deficientes, e dos idosos.

Em quase década e meia, muito mudou, admite. “Nestes últimos anos falamos muito do direito à cidade, e começamos a ter jovens que, independentemente do seu rendimento, querem andar de bicicleta, a ter mais homens que levam os filhos à escola, a ver as pessoas com deficiência na rua, a ver as mulheres mais presentes na vida social e política”, assinala. “A cidade mudou socialmente, e vai ter de mudar também ao nível da mobilidade”, que não é um objectivo, mas um processo, insiste. “O objectivo, o que nós queremos, é a cidade feliz.”

“No exercício diário de planeamento urbano, no nosso pensamento está a cidade com qualidade de vida, onde as pessoas possam viver de forma autónoma, até aos cem anos.” Para cuidarmos destas pessoas, acrescenta, “temos de cuidar do espaço público, que não pode ser apenas o resto que sobra entre prédios”, diz, recordando o desafio do dinamarquês Jan Gehl, autor de *Cidades para Pessoas*,



**A falta de planeamento traduz-se na proliferação de “ciclovias post-it”, coladas de forma desarticuladas no espaço público, repara Paula Teles**

numa das suas outras obras mais conhecidas, *A Vida entre Edifícios*.

“Queria muito ver em Portugal mais políticos determinados e com a consciência claríssima de que a nossa cidade não é a cidade privativa, é a

cidade pública, que é de todos, independentemente da sua condição social. É o único espaço que é democrático”, afirma. Numa altura em que tanto se fala de *smart cities*, de cidades inteligentes, Paula Teles vinca



## A velocidade de 30km/hora ainda dá para matar um peão por atropelamento

Paula Teles

Autora de *A Cidade das Bicicletas*



infra-estrutura básica, como os passeios, que são a plataforma onde se processa o segundo modo de mobilidade preferencial nas áreas metropolitanas, o pedonal”.

“O que eu queria não era apenas escrever um livro sobre bicicletas, mas abrir também as consciências, e um capítulo novo de reflexão no nosso país, fazendo agenda política, ao dizer: está tudo mal desenhado, estamos a injectar dinheiro do quadro comunitário para desenhar vias para bicicletas, só que para desenharmos bem não podemos ignorar os peões.” Paula Teles continua a ver muitas das nossas cidades a serem pensadas para o automóvel, e os ciclistas, ou os utilizadores destas novas formas de micromobilidade, como as trotinetas, a ter de andar nos passeios... “Andamos a lutar para eliminar barreiras e garantir faixas de pelo menos 1,20 metros para circulação de peões, e de repente temos barreiras móveis?”

Assumindo a vontade de contribuir para uma “mudança no país”, é aos autarcas, diz esta antiga vereadora da Câmara de Penafiel, que se destina o primeiro capítulo de *A Cidade das Bicicletas*, em que lhes pede mais atenção ao espaço público, aos seus utilizadores mais vulneráveis. Para esta mulher, mãe, e empresária que fundou a empresa MPT – Mobilidade e Planeamento do Território, não há dúvidas de que a mobilidade ciclável vai ganhar mais espaço em Portugal, mas o problema, nota, é que a disponibilidade de fundos europeus para obras não veio acompanhada de um envelope de apoios ao planeamento.

Fruto desta circunstância, há muita ciclovias a que chama “*post-it*”, colada em cima do território urbano, desligada dos trajectos diários da maioria das pessoas e sem articulação com o transporte público, ou com as redes que servem peões e automóveis. Não podemos repetir estes erros no próximo quadro europeu, alerta. “Temos de planear. O espaço público, ou o que sobrou, de cem anos a desenharmos cidades para os automóveis, é mesmo muito reduzido e teremos de estabelecer prioridades na sua nova ocupação.” Se não o fizermos, prossegue, a pressão instalada “reventará a cidade como se de uma bomba se tratasse”, no momento de se implementar ciclovias.

acoentrao@publico.pt

## Precisamos de passar de um Código da Estrada para um Código da Mobilidade

A dependência do automóvel é um facto verificável nas nossas ruas e estradas, nos inquéritos à mobilidade mas, também, na própria legislação. E numa entrevista dada ao PÚBLICO a propósito de *A Cidade das Bicicletas*, a autora, Paula Teles, defende que o país deve evoluir, “nos próximos anos, do Código da Estrada para um Código da Mobilidade”, um conjunto de regras novo que dê aos vários modos de circulação no espaço público o destaque que, na legislação actual, é dado ao automóvel.

“A estrada, na cidade, tem de se transformar em rua”, diz Paula Telles, tocando num ponto que tem vindo a ser defendido, por exemplo, por entidades como a Federação Portuguesa de Cicloturistas e Utilizadores de Bicicletas (FPCUB) ou a MUBI – Associação para a Mobilidade Urbana em Bicicleta: a necessidade de redução da velocidade de circulação em espaço urbano, como forma de diminuir a sinistralidade rodoviária, e nomeadamente os atropelamentos, que continuam a ser um problema grave em Portugal, e como instrumento para a criação de espaços mais frequentáveis pelos utilizadores vulneráveis. Sejam eles crianças, deficientes ou idosos; andem eles a pé ou de bicicleta.

Mas o caminho até esse código de mobilidade parece ter muitos buracos. Paula Teles nota que, apesar de as zonas de coexistência, em que o carro não tem prioridade, que é dada aos utilizadores vulneráveis, estarem previstas no Código da Estrada, o Regulamento da Sinalização de Trânsito não foi actualizado para incorporar, e homologar, o respectivo sinal de informação. Andamos há anos [desde 2013] à espera disso. “Queremos ver os miúdos a jogar à bola na rua, o idoso na rua, vigiando os miúdos e melhorando a sua própria saúde, mas não podemos fazer isso sem esta sinalização, porque o carro quando entra, entra com velocidade. Podemos usar um sinal de Zona 30, mas a velocidade de 30km/hora ainda dá para matar um peão por atropelamento”, alerta.

Algumas cidades não deixaram de desenhar essas zonas, mas para as identificar estão a usar sinais de trânsito não homologados, ainda que inspirados no que se faz lá fora. Mas em caso de acidente esta indefinição pode trazer problemas do ponto de vista legal. As prescrições resultantes dos sinais têm prevalência sobre as regras de trânsito, como se lê no Artigo 7.º do Código da Estrada, mas, para isso, é preciso que o sinal em causa exista no regulamento, o que não é o caso. Este deveria ter sido actualizado em 90 dias, mas já passaram anos e nada, apesar da pressão de vários partidos e das associações.

Há outros problemas de articulação entre as regras escritas e a sinalização que lhes dá visibilidade. Um exemplo: apesar de no Código da Estrada ter sido abolida a regra que obrigava os utilizadores de bicicleta a usarem a ciclovia, continua a ver-se, junto a estas, o sinal circular azul com uma bicicleta – ou seja, de obrigatoriedade – que é o único que existe no regulamento ainda em vigor. Ou seja, apesar de a lei lhe dar liberdade de escolha, e de o tratar, no geral, como condutor de um veículo com direitos e deveres seme-

lhantes aos demais nas vias de circulação, um ciclista poderá ter problemas por fazer aquilo que o código lhe permite.

### E a legislação urbanística?

Estas questões relacionadas com a legislação que condiciona a expansão do uso da bicicleta em Portugal foram abordadas no mês passado numa reunião entre o secretário de Estado dos Transportes, José Mendes, e o Conselho Consultivo para a Mobilidade Sustentável da FPCUB, de onde saiu também um desafio para que o Governo olhe para outra legislação que contribui para o actual quadro de predomínio do automóvel em espaço urbano. Mário Meireles, um especialista nesta área de Braga está a coordenar a elaboração de uma proposta de alteração a uma portaria, prevista no Regime Jurídico da Edificação e Urbanização, que estabelece os parâmetros para o dimensionamento das áreas destinadas a espaços verdes e de utilização colectiva, infra-estruturas viárias e equipamentos de utilização colectiva.

Nas tabelas desta portaria incluem-se os números mínimos de lugares de estacionamento a garantir, por habitação, em operações de loteamento, nos quais não está fixada qualquer quota para o estacionamento de bicicletas. Apesar de as câmaras terem margem de manobra para alterar esses parâmetros, o facto de elas seguirem, na prática, o que está inscrito na portaria torna importante a sua alteração, assinala Mário Meireles, que vem acompanhando o debate internacional que o tema tem merecido.

Nos EUA, lembra, há quem esteja a defender o fim do *parking minimus*, como forma de desincentivar a compra de mais carros e de direccionar o espaço público para outros usos. Mas a lei é para cumprir e nem a gigante Apple, que chegou a planear a nova sede livre de lugares de estacionamento, conseguiu dar a volta às regras do município de Cupertino, e teve de instalar 11 mil lugares de estacionamento. **Abel Coentrao**



Sinais de zonas de coexistência não foram ainda homologados

que “não nos podemos esquecer de que essa inteligência deve passar, primeiro, por assegurar autonomia, segurança e felicidade às pessoas”. A tecnologia é muito importante, admite, mas “não podemos descurar a

## ECONOMIA

# “Um sonhador ac

## Alexandre Soares dos Santos

(1934-2019) Dono de uma ambição e determinação férreas, era claro nas metas e exigente nos resultados. Lúcido, reescreveu muitas vezes os seus sonhos

**Obituário**  
Isabel Aveiro

“Nós somos merceeiros, sabe?”, classificou-se uma vez Alexandre Soares dos Santos, a si e ao “seu” grupo Jerónimo Martins, numa apresentação de resultados aos jornalistas, no alto da torre do Campo Grande onde fica a sede da companhia. A afirmação, pronunciada por um dos homens mais ricos de Portugal – alternou anos seguidos com Américo Amorim e Belmiro de Azevedo o pódio da *Forbes* –, era sincera. E também irónica: Alexandre Soares dos Santos, o homem que criou o maior grupo de distribuição portuguesa, sabia bem em que país vivia de forma permanente desde 1968.

Foi aos 34 anos que Alexandre Soares dos Santos tomou conta do negócio familiar, depois de 12 anos no exterior a trabalhar na multinacional Unilever (Fima/Lever), parceira da sociedade Jerónimo Martins (JM) em Portugal. Antes de Alexandre Soares dos Santos liderar a companhia, não havia Pingo Doce (lançado em 1980), a grossista Recheio não pertencia à *holding* (foi adicionada em 1988), o grupo não tinha entrado em bolsa (1989) e não havia um grupo português a liderar o retalho alimentar na Polónia e com presença na Colômbia. No último ano completo, o grupo fez 17,3 mil milhões de euros de vendas, é a segunda maior empresa cotada na praça portuguesa (com uma capitalização bolsista de 9,12 mil milhões de euros) e é o maior grupo de distribuição português (rivaliza com a Sonae, dona do PÚBLICO, que domina no mercado nacional).

João Vieira Lopes, cujas funções de presidente da Confederação do Comércio Português (CCP) muitas vezes o colocaram em lados

diferentes do diálogo no sector, louva o papel de Alexandre Soares dos Santos no desenvolvimento “do projecto do grupo Jerónimo Martins na modernização do comércio” – o “único que teve êxito na área da internacionalização” da distribuição alimentar moderna, defende.

### Líder, claro

É na Polónia – onde entrou em 1995 na Biedronka – que a JM faz por ano 67% das suas vendas. “Pouca gente tem a noção”, explica um antigo gestor do grupo, “mas quando fomos para a Polónia já havia 12 a 15 dos maiores grupos de distribuição do mundo”, num mercado “quatro vezes maior do que o nosso”. Nesse período inicial, Soares dos Santos percorreu de carro o mercado polaco, passando uma semana por mês naquele país, a conhecer o território em que queria “ser líder de mercado” desde o início da expansão.

Quatro anos depois do arranque, a JM tinha 550 unidades Biedronka a operar. Foram “momentos difíceis”, conta quem os viveu, vencidos por uma “determinação” ímpar, uma postura “claríssima” no que toca a valores éticos e “um apoio total” à equipa por parte de Alexandre Soares dos Santos. Hoje, a JM lidera o mercado do retalho alimentar polaco, com 2916 unidades e vendas anuais a tocar os 12 mil milhões de euros.

Foi da Polónia de que não abdicou quando no arranque deste século teve de reduzir os activos. Isso, para quem trabalhou com ele de perto, também é “prova de uma clarividência enorme”. “Vão-se os anéis, ficam-se os dedos”, dirá Alexandre Soares dos Santos aos seus colaboradores.

É por esta altura, já nos finais da década de 1990, que Jerónimo Martins e Sonae chegam a discutir a sua união, por iniciativa de Alexandre Soares dos Santos. O



**Quando teve de lidar com uma crise dentro do grupo, “não o vi, então, endossar culpas a terceiros nem apontar o dedo a inimigos externos”, diz Filipe Pinhal**

acordo não chegou a bom porto com Belmiro de Azevedo, mas anos mais tarde, em 2007, o patrão da JM assumiu ter sido “uma pena não se ter feito” a fusão com a distribuição da Sonae. Anos mais tarde, os dois cresceram de tal forma que seria impossível uma fusão desse tipo em Portugal, do ponto de vista concorrencial.

### Assumir a culpa

No limiar do século, a forte expansão causaria dores de crescimento ao grupo cuja génese

remonta a 1792. Com presença então em Portugal (distribuição e indústria), Polónia, Brasil e Reino Unido, uma das mais antigas cotadas da Bolsa de Lisboa avisou em 1999 o mercado de que os resultados iriam ficar aquém do previsto. É o famoso *profit warning* da JM, que irá marcar o grupo durante muitos anos.

Escolhas foram feitas para reduzir dívida. Foram vendidas as águas Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas e, englobando um plano estratégico em 2002, foram

# cordado”



alienados outros activos não estratégicos, retirando o grupo do Brasil, com a venda dos supermercados Sé.

“Decidimos vender algumas empresas e o Eng. Jardim Gonçalves [então à frente do BCP] foi de um auxílio extraordinário: ‘Conte comigo.’ Nunca me falhou”, contou Alexandre Soares dos Santos ao PÚBLICO em 2012.

“Muita gente alimentou grande apreço pelo Sr. Soares dos Santos”, afirmou ontem Jorge Jardim Gonçalves ao PÚBLICO. “A mim

**Alexandre Soares dos Santos, em Abril de 2008, quando era então presidente do conselho de administração do grupo Jerónimo Martins, cujas origens remontam a 1792**

sempre me sensibilizou por ser uma pessoa que se manteve sempre igual: a pensar, a estudar, a correr riscos, em família, com os amigos ou no trabalho. Em qualquer situação procurava ter uma posição coerente, fazendo tudo para dar satisfação aos outros, mesmo em pequenos gestos.”

Alexandre Soares dos Santos reconhecerá em entrevistas anos mais tarde o que sentiu na fase mais crítica do crescimento do grupo: que “o responsável era eu, tinha de pôr o meu lugar à disposição”. Foi nessa altura que pensou que deveria sair da JM. “Pedi a demissão ao Dr. [Artur] Santos Silva e ao Dr. Nogueira de Brito [na altura administradores da JM]. Não a aceitaram. E a minha família, numa reunião, entregou-me um papel assinado garantindo-me o apoio. Fiquei.” Num ano, o grupo reduziu a dívida de 1,8 mil milhões de euros para 800 mil euros.

Filipe Pinhal, ex-administrador do BCP, volta hoje a essa altura para homenagear a memória do empresário: “O melhor registo que guardo foi o da forma como o vi lidar com a grande crise que quase deitou por terra o seu grupo empresarial. Não o vi, então, endossar culpas a terceiros nem apontar o dedo a inimigos externos. O assunto era com ele e era ele que o tinha de resolver com as ajudas que ele próprio teria de identificar.”

Luís Palha da Silva, que entrara na JM como administrador financeiro em 2001, passa a liderar a comissão executiva em 2004, cargo que ocupa até 2010. Foi o único presidente executivo da história da Jerónimo Martins SGPS não pertencente à família Soares dos Santos. É Palha da Silva que recorda Alexandre Soares dos Santos como “um sonhador acordado”. Porque, justifica este gestor, que liderou o grupo numa das fases que seriam de recuperação da vida da companhia, Alexandre Soares dos Santos “sempre teve uma atitude muito motivadora”, com objectivos sempre “muito ambiciosos”. “Motivava pela exigência, pela qualidade, pelos objectivos” a que se propunha e que propunha à equipa de gestão.

Mas era, também, “uma pessoa

muito generosa”. Palha da Silva lembra-se de que aquando das inundações de 20 de Fevereiro de 2010 na Madeira, que mataram 47 pessoas na ilha, Alexandre Soares dos Santos mobilizou “um esforço muito grande e um investimento significativo” do grupo no apoio às vítimas (a doação imediata, na altura, foi de um milhão de euros). “Não era muito normal” e surpreendeu Palha da Silva, que sublinha que Alexandre Soares dos Santos “não era um homem de negócios tradicional”.

Exercendo a sua capacidade de, como define Palha de Silva, “reinventar, de criar um sonho novo”, Alexandre Soares dos Santos saiu da empresa em 2013, dedicando-se a partir daí à Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Antes, contudo, será alvo de críticas pela decisão de mudar a sede social da empresa familiar (Sociedade Francisco Manuel dos Santos, que controla 56% da JM) para a Holanda. Várias vezes recusou os ataques: “Aceito perfeitamente que não gostem daquilo que represento – a iniciativa privada nunca foi nada de que o português gostasse. O que não aceito são ataques pessoais”, responde ao *Expresso* em 2012. E recordou, por diversas vezes, que o grupo era, entre os portugueses cotados no PSI-20, dos poucos que ainda tinham sede no país de origem.

Quem com ele trabalhou justifica a decisão empresarial pela opção polaca: “para se estar lá tinha de se estar na Holanda, todos os concorrentes estavam, porque eles têm acordos bilaterais” que facilitam o negócio. Alexandre Soares dos Santos, sublinha este gestor que prefere não ser identificado, tinha um “profundo orgulho de ser português”.

“O que ele dizia era o que ele era” – e a sua “independência” fazia-o dizer muitas coisas, nem sempre bem recebidas. Dizia, “porque podia – não me lembro de o [grupo] JM ter tido negócios com os Estado”, além de autorizações camarárias para licenciar um supermercado ou base logística, num sector que, ao contrário de outros, não tem por tradição depender de apoios públicos.

“Uma sociedade deverá ser consciente dos seus direitos, mas também dos seus deveres”, e assumir “as suas responsabilidades. Que obriga os seus deputados e o seu Governo a ouvi-la e a decidir de acordo com o que ela quer” – defendia Alexandre Soares dos Santos. Que voltou a sonhar uma vez mais.

Criada em 2009, a fundação foi apresentada como tributo a Francisco Manuel dos Santos, avô de Alexandre Soares dos Santos, que em 1921 entrou com outros 12 sócios no capital da loja – os mais tarde Estabelecimentos Jerónimo Martins. Por iniciativa desta foi criada a Pordata, base de dados estatísticos de Portugal e Europa, de consulta gratuita. A meta de tornar acessível a informação a toda a sociedade motiva a edição de ensaios críticos em formato de livro de bolso e publicações periódicas com o selo da fundação.

Jorge Jardim Gonçalves relembra que a experiência de Alexandre Soares dos Santos, “desde cedo, foi muito rica, começando a lutar novo para manter um património que envolvia muita gente da família. O que fez sempre dentro de um espírito de grande coerência”.

Rui Vilar, presidente da administração da CGD, relembra “a actividade de mecenato criando duas fundações [Francisco Manuel dos Santos e Oceano Azul] e apoiando universidades como a Católica, a de Aveiro e a Nova de Lisboa”, realça “a preocupação de estar informado e atento às grandes tendências económicas e políticas mundiais” e, ao mesmo tempo, “alguém preocupado com o pormenor, um empresário ‘mãos na massa’ que aparecia muitas vezes às 8h da manhã nas fábricas ou nas lojas para ouvir o que os trabalhadores lhe tinham a dizer”. Elogia ainda a “grande tenacidade e perseverança” que “lhe permitiu ultrapassar os momentos difíceis do grupo que liderou”.

“As elites”, disse uma vez Alexandre Soares dos Santos, “têm uma responsabilidade acrescida para uma mudança social e política”. Venham de onde vierem. **com Cristina Ferreira**

isabel.aveiro@publico.pt

# “Com desagrado”, Salvini autoriza desembarque de 27 menores

Imigrantes salvos no mar pelo navio *Open Arms* tornaram-se peões na crise política. O ministro do Interior de extrema-direita agudiza a sua intransigência, mesmo com países da UE dispostos a receber as pessoas

**Itália**  
Clara Barata

Após enorme pressão, e de uma violenta carta aberta do primeiro-ministro italiano, Giuseppe Conte, no Facebook, em que acusa o seu ministro do Interior de “colaboração desleal”, Matteo Salvini permitiu ontem que desembarcassem 27 menores desacompanhados que estão a bordo do navio *Open Arms*, impedido de atracar na ilha de Lampedusa pela Guarda Costeira italiana.

Há 16 dias que o navio tem a bordo 134 migrantes resgatados no Mediterrâneo. Ontem, o psicólogo Alessandro di Benedetto, que está no navio da organização não governamental espanhola *Open Arms*, deu o alerta: “A situação é insustentável, pode haver uma tragédia”, disse ao *El País*.

Após tantos dias no mar, a ver terras proibidas de lá chegar, vendo que só quem ficou muito doente foi autorizado a desembarcar, os imigrantes estão no limite das suas forças, da sua resistência psicológica. Nas últimas horas, contou Benedetto, viram-se “comportamentos agressivos” entre alguns passageiros, causados pelo desespero. “Houve uma tentativa de suicídio e um pequeno grupo tentou atirar-se ao mar.”

A retirada de pequenos grupos faz crescer a raiva e a frustração dos que permanecem no barco, avisa. “Por um lado, dá esperança, mas por outro criam-se frustrações ao resto do grupo”, explicou o psicólogo ao *El País*.

Mas essa é a única via entreaberta pelo ministro do Interior italiano, Matteo Salvini, e mesmo assim a contragosto, no meio de uma crise política que deverá levar à queda do Governo, esta semana, após o debate uma moção de desconfiança contra Conte, lançada por Salvini.

“A escolha [de autorizar o desembarque dos menores] é exclusivamente do primeiro-ministro e pressupõe um precedente perigoso”, afirmou o ministro do Interior, após receber uma segunda carta do primeiro-ministro, desta feita privada, sobre a questão do *Open Arms*, relata o jornal *Corriere della Sera*. Salvini frisou que espera “novidades na segunda-feira



**Salvini e Conte comunicaram por carta sobre o navio *Open Arms*. A bordo, as condições estão a degradar-se**

[amanhã]”, sobre o recurso que apresentou da decisão de um tribunal de Roma para permitir a entrada do navio em águas italianas. E manteve o braço-de-ferro: “Autorizo o desembarque dos menores com desagrado”, afirmou Matteo Salvini.

O ministro do Interior italiano, de extrema-direita, mantém esta posição apesar de, na quinta-feira, seis países europeus, entre os quais Portugal, se terem oferecido para receber os 134 migrantes a bordo do navio humanitário. A Comissão Europeia decidiu adiar o processo de distribuição dos migrantes enquanto a Itália não deixar atracar o navio *Open Arms*.

Na sexta-feira, a Procuradoria de Agrigento, Sicília, abriu uma investigação contra desconhecidos por delito de sequestro para determinar por

que razão os migrantes são impedidos de desembarcar, depois de a Guarda Costeira italiana, num documento enviado ao Ministério do Interior, ter pedido “urgentemente” uma solução para o caso e ter assegurado que “não vê nenhum tipo de impedimento” ao desembarque.

Ontem, a Procuradoria de Agrigento ordenou uma inspeção médica a bordo do *Open Arms*, para constatar as condições de higiene e saúde das pessoas a bordo.

Perto dali, entre Malta e o Sul de Itália, está outro navio, desta feita dos Médicos sem Fronteiras, o *Ocean Viking*, com 365 migrantes a bordo – também sem autorização de desembarque em porto europeu.

clara.barata@publico.pt

## MUNDO

### Petroleiro iraniano alvo de mandado de captura

#### Gibraltar

**EUA persistem em impedir que *Grace 1* siga viagem. Dizem que leva petróleo para a Síria, violando sanções contra o regime**

Os Estados Unidos anunciaram ter emitido um mandado de captura do petroleiro iraniano arrestado em Gibraltar, um dia depois de o território britânico ter autorizado o navio a deixar as suas águas territoriais.

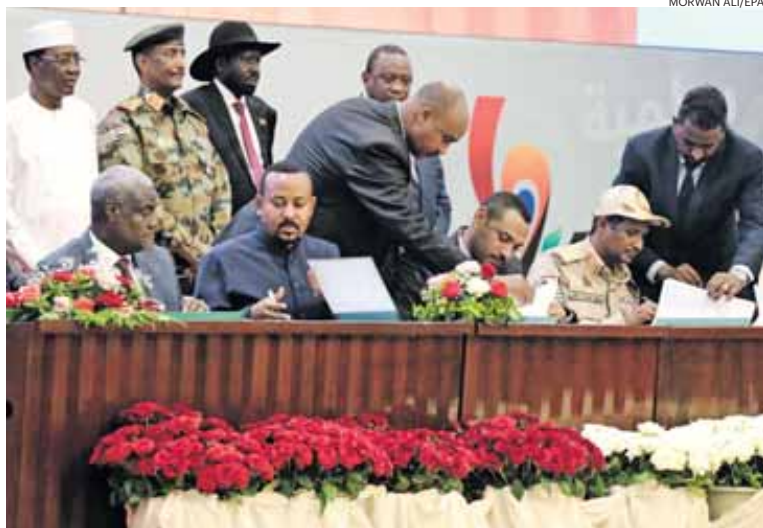
O Departamento de Justiça dos EUA acusou, em comunicado, o navio iraniano *Grace 1* de servir de veículo de tráfico ilegal para a Síria, num plano orquestrado pelos Guardas da Revolução iranianos, que os Estados Unidos consideram ser uma organização terrorista internacional. “O esquema”, disse Jessie Liu, advogada do distrito de Columbia (Washington D.C.), “envolve parceiros relacionados com os Guardas da Revolução, e apoia-se nas viagens a pretextos falsos do *Grace 1*. Há uma rede de empresas de fachada que lava milhões de dólares para apoiar estas entregas”.

Segundo a advogada, a bordo do navio foi encontrado equipamento electrónico, e nos telemóveis da tripulação havia mensagens de WhatsApp que revelaram que o *Grace 1* se destinava a Baniyas, um porto na Síria, “em violação das sanções norte-americanas” e europeias contra o regime sírio. Declarações de membros da tripulação confirmaram esta versão, dizem os EUA.

Além da apreensão do cargueiro, as autoridades dos EUA solicitaram a confiscação de todo o petróleo transportado no petroleiro iraniano (cerca de 2,1 milhões de barris).

Na quinta-feira, pouco antes de Gibraltar anunciar que o navio tinha sido autorizado a partir, os EUA pediram o prolongamento da retenção do petroleiro.

O chefe do Governo de Gibraltar, Fabian Picardo, acabou por autorizar o *Grace 1* a partir, dizendo ter recebido “garantias escritas de Teerão” de que o petroleiro não iria para Síria. No entanto, o porta-voz da diplomacia iraniana, Abbas Moussavi, afirmou que o seu país não fizera tal promessa.



MORWAN ALI/EPA

**O acordo foi o último passo nas negociações sobre o futuro do país**

## Oposição e militares assinam acordo para dividir poder

#### Sudão

**Ricardo Cabral Fernandes**

**Nos primeiros 21 meses, um militar liderará o país, e nos 18 que se seguirem será um civil. Foi o resultado de meses de negociações**

A principal coligação da oposição e os militares do Conselho Militar de Transição assinaram ontem um acordo para dividirem o poder nos próximos três anos, quando deverão ser realizadas eleições. Foram meses de negociações e recuos, e até de uma brutal repressão dos militares.

O acordo foi assinado entre Mohamed Hamdan Dagalo, vice-presidente desse mesmo conselho e comandante da Força de Apoio Rápido (FAR), milícia acusada de massacres no Darfur e espinha do antigo regime de Omar al-Bashir, e Ahmed al-Rabie, da Aliança para a Liberdade e Mudança, em Cartum. Estiveram presentes o primeiro-ministro etíope, Abiy Ahmed, e o Presidente do Sudão do Sul, Salva Kiir.

O acordo estipula que um militar, escolhido por ambos os lados, liderará o conselho, formado por cinco civis e seis militares, nos primeiros 21 meses, pelo que será depois substituído por um civil nos 18 meses que se seguirem. O documento também prevê um gabinete nomeado pela coligação, a constituição de um órgão legislativo e uma investigação independente ao massacre de dezenas de pessoas num ataque ao acam-

pamento pró-democracia na capital sudanesa, em Junho.

O ditador Omar al-Bashir foi deposto em Abril, liderado pelo ministro da Defesa e vice-presidente, Awad Ibn Ouf, após meses de protestos. Os militares criaram o Conselho Militar de Transição e confrontaram-se com a resistência da oposição, que exigia um Governo civil.

Sem cederem, os chefes das forças armadas optaram pela repressão e atacaram o acampamento em Cartum, usando as FAR. E, nos dias que se seguiram, perseguiram dissidentes nos bairros da capital e arredores, com 40 corpos a serem encontrados no rio Nilo.

Sem alternativa senão uma guerra civil, os dois lados voltaram à mesa das negociações, mediadas pela União Africana, e aceitaram partilhar o poder com a assinatura de um acordo preliminar em Julho e, no início deste mês, ao assinarem uma declaração constitucional. Porém, a assinatura do acordo final foi recebida com euforia e cautela. Um dos membros que se manterão no conselho será Dagalo, de quem se suspeita ter ordenado o massacre.

Na cerimónia, os membros da coligação estavam “excitados”, enquanto, nas ruas, a postura era cautelosa, diz a correspondente da Al-Jazira em Cartum, Hiba Morgan. “Estão preocupados que o conselho militar possa atrasar a aplicação de algumas cláusulas ou encontrar forma de afastar os civis, agarrando-se ao poder.”

[ricardo.fernandes@publico.pt](mailto:ricardo.fernandes@publico.pt)



## CORTEJO DO TRAJE DE PAPEL

Cantareira | Passeio Alegre | R. Senhora da Luz | Av. Brasil |  
Rua Coronel Raúl Peres | R. de São Bartolomeu |  
Praia do Ourigo | Foz do Douro

25  
AGOSTO  
10H00

UNIÃO  
DAS FREGUESIAS  
ALDOAR  
FOZ DO DOURO  
NEVOGILDE

FOZ DO DOURO

2019

Apelo e Programa  
**P**  
Apelo Institucional  
Porto.

CURSO CURSO CURSO

## ESTÁS-TE A RIR DO QUÊ?

Escrita de Humor Para Vários Formatos

com **SUSANA ROMANA**

Curso teórico-prático sobre as especificidades da escrita de humor. Afinal, de onde é que vem o riso? O que o potencia e o que o impede? A comédia como forma de desconstrução versus amplificação da realidade.

**DOSE**  
5 AULAS  
2,5H POR AULA  
**DATAS**  
DIAS 12, 17, 19, 24 E 26  
DE SETEMBRO ÀS 19H00



PRODUÇÕES  
FICTÍCIAS

**INFO**

geral@producoesficticias.pt  
+351 213 864 554

# 11 motivos para celebrar o Verão

Esta semana a paixão é o mote para desfrutar com um vinho vermelho profundo. A sinfonia entre fruta preta, notas apimentadas e nuances de café e caramelo transbordam num vinho penetrante e afrodisíaco. A noite de sábado promete ser irresistível! Descubra, semana após semana, os 11 motivos para brindar ao Verão e compartilhar com a família e amigos o bom sabor da vida

#### Características:

#### Acompanha bem com:

pata negra, queijo curado, estufado de caça

**Castas:** 100% Syrah

#### Sugestão para servir:

servir a 12-18°C

**Região:** Lisboa



**7,99€**  
SÁBADO,  
24 AGOSTO  
COM O PÚBLICO  
**P**

JK Elpenor Rosé 2016 • Dão • 11€ • JÁ DISPONÍVEL  
Casa de Compostela Alvarinho • Vinhos Verdes • 12€ • JÁ DISPONÍVEL  
Crado Rosé 2018 • Douro • 9,90€ • JÁ DISPONÍVEL  
Herdade São Miguel Rosé 2018 • Alentejo • 5€ • JÁ DISPONÍVEL  
Dez Tostões branco 2018 • Alentejo • 8€ • JÁ DISPONÍVEL

**Cabo da Roca Reserva Syrah Tinto 2016 • Lisboa • 7,99€ • 24 AGO**

Fagote Reserva Branco 2018 • Douro • 7,90€ • 31 AGO  
Ceirós Reserva Tinto 1996 • Douro • 12€ • 07 SET  
Cabo da Roca Reserva Arinto Bucelas 2017 • DOC Bucelas • 7,99€ • 14 SET  
Casa de Compostela Sauvignon Blanc • Vinhos Verdes • 12€ • 21 SET  
Branco da Gaivosa 2018 • Douro • 9,90€ • 28 SET

# O ícone da contracultura que encarnou uma geração

**Peter Fonda (1940-2019)** Filho de Henry Fonda, irmão de Jane Fonda e pai de Bridget Fonda, produziu, protagonizou e co-escreveu *Easy Rider*, o filme que ajudou a desencadear a Nova Hollywood

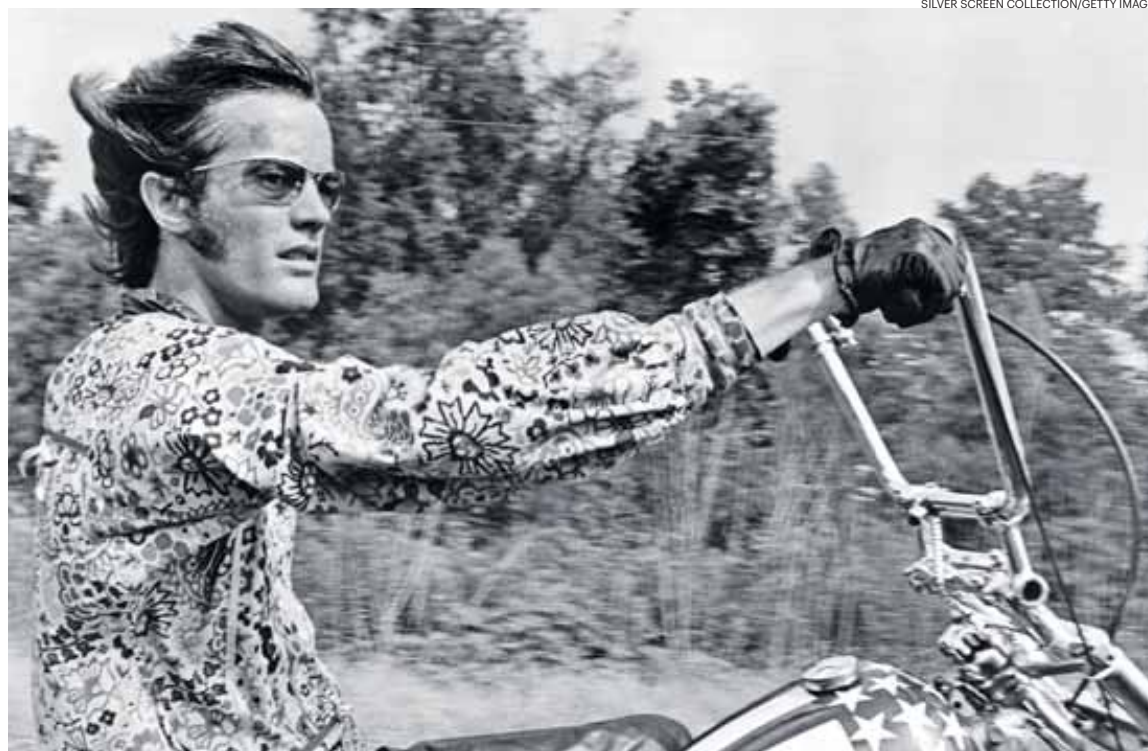
**Obituário**  
Joana Amaral Cardoso

Ícone da contracultura dos anos 1960, estrela e co-autor de um filme revolucionário, *Easy Rider*, que se estreou há precisamente 50 anos, membro de uma dinastia de Hollywood que começou com o pai, Henry Fonda, e se estendeu aos filhos deste, Peter e Jane Fonda, e à neta Bridget Fonda: mais do que apenas um actor, Peter Fonda, que morreu na manhã de sexta-feira em Los Angeles, aos 79 anos, na sequência de complicações causadas por cancro do pulmão, era um símbolo. Por isso ficará para sempre associado ao filme que fixou uma geração e um movimento social e cultural que já tinha a sua banda sonora, os seus livros e a sua imagem. *Easy Rider* “era o filme deles”, disse sobre os seus contemporâneos, os jovens dos anos 1960.

Actor de “espírito indomável”, cheio de “amor pela vida” – “Em honra de Peter, por favor ergam um copo pela liberdade”, pedia ontem a sua família, citada pela Reuters –, “foi-se embora a rir”, confidenciou à *Hollywood Reporter* Jane Fonda, cuja fama a certa altura ultrapassou largamente a do irmão. “Era o meu irmão bebé e tinha um grande coração. O falador da família.”

Na manhã de ontem, os tributos foram-se sucedendo no Twitter. Peremptório, o realizador Rob Reiner declarou que “Peter Fonda foi um cineasta revolucionário numa altura revolucionária”. A atriz e autora Illeana Douglas lembrou que o actor “personificou os valores” da cultura *hippie* e *anti-establishment* e que “o cinema independente começa com *Easy Rider*”. “Levarás o meu coração contigo para onde fores”, prometeu Nancy Sinatra no Instagram.

A história de Peter Fonda começou a 23 de Fevereiro de 1940, quando nasceu em Nova Iorque, mas tem de começar a ser contada a partir desse mítico filme que produziu, co-escreveu e protagonizou memoravelmente,



SILVER SCREEN COLLECTION/GETTY IMAGES

**Fonda dizia-se “circunspecto”, mas deixa ao cinema um legado tudo menos discreto**

legando à história do cinema uma das suas imagens indelévels: a de Wyatt, o motociclista livre e sem medo que conduzia a sua *chopper* através dos Estados Unidos. Com eles viajava a canção *Born to be wild*, que viria a tornar-se o maior êxito dos Steppenwolf.

*Easy Rider* valeu-lhe a primeira das suas duas nomeações para um Óscar, por ter assinado o guião com Dennis Hopper (1936-2010) e Terry Southern – a segunda surgiria em 1997, na categoria de representação, pelo seu apicultor em *Laços de Amor*. Peter Fonda foi essencial para a existência do filme que ele próprio e Hopper protagonizariam, e que se estreou no Verão de 1969, quando as brisas do abrupto final da década começavam a soprar na Califórnia. Dois motoqueiros contrabandeiam droga do México para os Estados Unidos e depois atravessam o país, camisas às flores e blusões de franjas ao vento, encontrando pelo caminho a

história de um momento cultural: uma comuna *hippie*, o amor livre, a polícia desconfiada e uma turba de aldeões violentos, LSD, a América na sua complexidade.

Produzido por Fonda e realizado por Hopper, o filme tornou-se um clássico instantâneo, cuja rentabilidade nas bilheteiras seria superada pela influência que exerceu sobre uma geração subsequente de cineastas e sobre os jovens que navegavam à vista na contracultura dos anos 1960. A Guerra do Vietname ainda duraria mais seis anos, e os protestos contra esse sacrifício de toda uma geração, juntamente com a mudança cultural em curso, à medida que o *studio system* de Hollywood colapsava e dava novos poderes aos jovens realizadores, serviam de pano de fundo a uma dinâmica, social e cinematográfica, que alargaria as portas que *Bonnie e Clyde*, de Arthur Penn, já tinha escancarado em 1967. Por aí entrariam Francis Ford Coppola, Martin Scorsese, Peter Bogdanovich, Brian de Palma, William Friedkin ou Steven

Spielberg e George Lucas.

Ironicamente, a ascensão desta nova geração trazia com ela a morte simbólica da geração de Henry Fonda – ícone em nome próprio, um dos maiores do todo-poderoso cinema clássico americano cuja vigência *Easy Rider* ajudaria a derrotar. Peter teve com o pai uma relação diminuta; a mãe, Frances Ford Seymour, cometera suicídio quando o actor tinha dez anos.

**Um cowboy para os anos 60**

Com *Easy Rider*, considerado a Melhor Primeira Obra no Festival de Cannes de 1969, Fonda e Hopper tornavam-se rostos de uma nova forma de estar em Hollywood – Fonda, em particular, consumidor de ácidos e marijuana, era amigo dos Byrds e tripou com três Beatles (só Paul McCartney não estava presente).

A sua primeira vez numa mota no cinema não foi *Easy Rider*, contudo. Fora o líder de um gangue em *The Wild Angels* (1966), de Roger Corman, dividindo o ecrã com Bruce Dern e Nancy Sinatra; aí começou a desenhar-se como figura

da contracultura no grande ecrã. O actor que se estreira na Broadway e que teve fugazes presenças televisivas continuou a trabalhar com Corman nas temáticas da contracultura *sixties* em *The Trip*, sobre o consumo de LSD, também com Dennis Hopper, a partir de um guião de Jack Nicholson.

Chegados a *Easy Rider*, os amigos Hopper, Fonda e Nicholson atingiam outro patamar de êxito e, como disse Peter Fonda em 2017 ao *Los Angeles Times*, um público: “Era um mercado para o qual nunca se tinha tocado. Nunca ninguém lhes tinha tocado a sua canção. Tinham a sua poesia. Tinham a sua música. Tinham a sua maneira de vestir. Não tinham o seu filme.” Passaram a tê-lo, e fizeram dele o quarto filme mais rentável de 1969.

No filme que ficará para sempre associado ao seu nome, Fonda era Wyatt, ou “Capitão América”, e Hopper o seu comparsa Billy. Como relata o historiador de cinema Peter Biskind em *Easy Riders, Raging Bulls*, Fonda teve a ideia para o filme diante de um cartaz de *The Wild Angels* em que ele e Bruce Dern figuravam nas suas montadas motorizadas, desafiadores. O filme foi um *western* actualizado para os anos 1960, Wyatt como o xerife Wyatt Earp e Billy como o fora-da-lei Billy the Kid.

Casado três vezes, com dois filhos, Peter Fonda realizou três filmes, entre os quais o *western* *O Regresso* (1971), que também protagonizou, e continuou a actuar profusamente nos últimos anos, tendo participado no *remake* de *O Comboio das 3 e 10* (2017). Entre os muitos filmes em que participou nas suas seis décadas de carreira estão *Lilith* (1964), de Robert Rossen, *Amor sem Promessa* (1973), de Robert Wise, *Fuga de Los Angeles* (1996), de John Carpenter, ou *The Limey* (1999), de Steven Soderbergh. Deixa por estrear três projectos: *The Magic Hours*, *Skate God* e *The Last Full Measure*, de Todd Robinson, que deverá chegar a Portugal em Novembro.

joana.cardoso@publico.pt

# Vitalina Varela deu a Pedro Costa o seu anunciado Leopardo de Ouro

Galardão máximo do Festival de Locarno foi para o cineasta português, que em 2014 ali conquistara o prémio de Melhor Realização com *Cavalo Dinheiro*. Vitalina Varela, a própria, foi a Melhor Actriz

## Festival de Locarno Jorge Mourinha

E, sem grande surpresa, o Leopardo de Ouro, prémio máximo do Festival de Locarno, foi para *Vitalina Varela*, de Pedro Costa, acompanhado no palmarés pela própria Vitalina, destinatária do Leopardo de Melhor Actriz. O galardão, que o entusiasmo da recepção do filme em Locarno parecia prometer-lhe, é para o realizador português a prova de que “tudo é possível, mesmo para um tipo velho (...) que fez um filme pequeno sem dinheiro”. “Espero que possa abrir portas para o filme ser visto em mais sítios”, disse numa entrevista ontem disponibilizada pelo festival (até à hora de fecho desta edição, não prestou declarações ao PÚBLICO).

Raras vezes um júri terá estado de tal maneira entrosado com o burburinho das ruas de Locarno e das redes sociais: *Vitalina Varela* tornou-se o favorito dos observadores logo após a sua projecção para a imprensa na quarta-feira, com muitos dos críticos presentes a considerarem-no “o filme” do certame (ver texto nestas páginas). Com esta distinção, o novo filme de Pedro Costa, que teve em Locarno a sua estreia mundial, torna-se também o primeiro filme português a receber o prémio máximo de uma competição principal de um festival de classe A desde *O Bobo*, de José Álvaro Morais, Leopardo de Ouro em 1987. O festival suíço tem, aliás, trazido sorte ao realizador português, que já merecera o Leopardo de Melhor Realização em 2014 por *Cavalo Dinheiro*, o Prémio Especial do Júri em 2007 pelo filme colectivo *Memories*, e uma menção especial em 2000 por *No Quarto da Vanda*.

Mas a aclamação de *Vitalina Varela* não ficou por aí: Vitalina, ela própria, figura central de um filme inspirado na sua vida, recebeu o Leopardo para a Melhor Interpretação

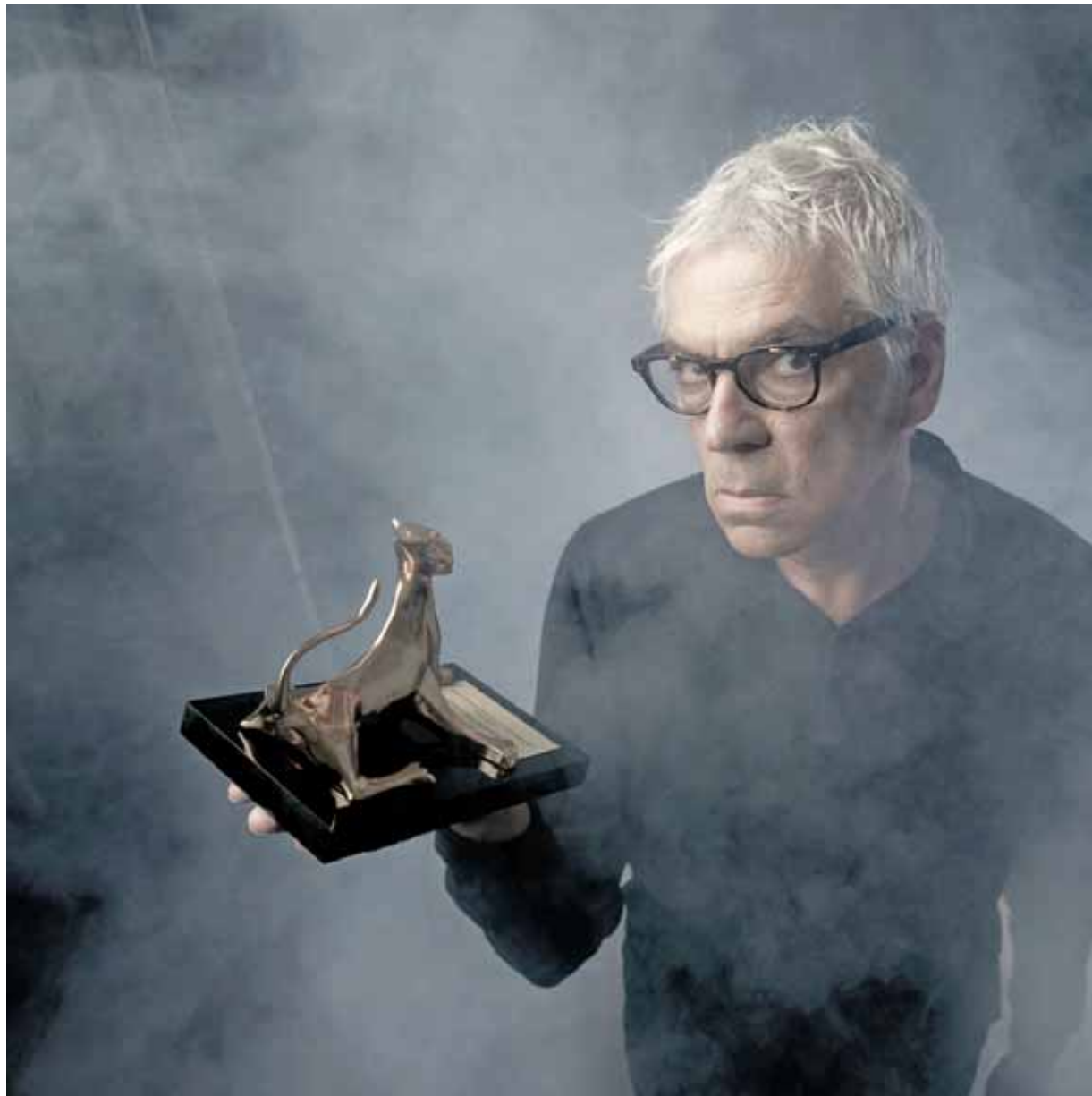
Feminina, depois de na sexta-feira ter já vencido um prémio paralelo, o Boccacino d’Oro, atribuído pela imprensa. O seu triunfo, combinado com o Leopardo de Ouro, sugere que o júri presidido por Catherine Breillat premiou o *yin* e o *yang* do filme, o criador e a criatura (mas qual deles, Costa ou Vitalina, é o criador, e qual a criatura?). Segundo o realizador, o filme “pertence a Vitalina”: “Ela é uma força da natureza, do passado e do presente e também do nosso futuro.”

Também num depoimento ao festival, Vitalina confessou-se “muito feliz” com o prémio: “Digo-o do mais fundo do meu coração. É um testemunho do amor com que rodámos este filme e do amor que recebemos [em Locarno].”

Curiosamente, confirmou-se uma “dobradinha” de actores não profissionais nos prémios de representação desta 72.ª edição do festival. O Leopardo para a Melhor Interpretação Masculina coube a Régis Myrupu, o índio desana que tem de escolher entre o seu mundo nativo e a cidade em *A Febre*, da brasileira Maya Da-Rin. Myrupu também nunca tinha entrado num filme, embora tivesse estado envolvido em grupos de preservação cultural.

O Leopardo de realização ficou nas mãos do francês Damien Manivel, pelo delicado *Les Enfants d’Isadora*, sobre o modo como a arte pode transcender e atravessar vidas muito diferentes, inspirado pela história verídica da bailarina Isadora Duncan. O filme francês era também um dos favoritos dos observadores – e também Manivel tinha já uma “história” com Locarno, onde o seu filme de 2014, *Un Jeune Poète*, recebeu uma menção especial na secção Cineastas do Presente.

O Prémio Especial do Júri foi este ano para um filme que, exibido já no finzinho do festival, estava de fora das bolsas de apostas – *Pa-Go* (*Height of the Wave*), do sul-coreano Park Jung-bum, um quase-*thriller*



**O Festival de Locarno tem sido um lugar feliz para Pedro Costa, mas o Leopardo de Ouro só agora lhe chegou às mãos — por um filme que, diz, “pertence” à sua protagonista, Vitalina Varela, igualmente premiada**

sobre uma jovem órfã numa ilha remota. Houve ainda menções especiais para *Hiruk-Pikuk Si Al-Kisah* (*The Science of Fictions*), do indonésio Yosep Anggi Noen, e *Maternal*, primeira ficção da documentarista italiana Maura Delpero. Presidido por Catherine Breillat, o júri do Concurso Internacional incluiu ainda a realizadora Valeska Grisebach, a

produtora Ilse Hughan, o crítico Emiliano Morreale e o actor Nahuel Pérez Biscayart.

### Portugueses foram notados

Por premiar ficaram filmes que os observadores tinham apontado como alguns dos melhores do festival – casos do alemão *Das Freiwillige Jahr* ou do galego *Longa Noite*, que se tornou um dos favoritos dos críticos, apesar da sua exibição tardia. Também os restantes filmes portugueses ficaram fora do palmarés – tanto *Technoboss*, de João Nicolau, como *O Fim do Mundo*, de Basil da Cunha, regressam sem prémios, apesar de uma menção especial para *Technoboss* por parte de um dos júris





## Vitalina Varela é uma força da natureza, do passado e do presente e também do nosso futuro

**Pedro Costa**  
Cineasta

### A crítica internacional (quase) a seus pés

#### Joana Amaral Cardoso

A reacção dos críticos internacionais a *Vitalina Varela*: elogios rasgados, acompanhados de preâmbulos sobre o parentesco ferrenho do cinema de Pedro Costa com as artes visuais e do espaço, da pintura à arquitectura, e de preliminares sobre a própria natureza do cinema. Vista a partir dos EUA ou de França, a estreia mundial do novo filme do cineasta português foi a sensação de Locarno.

“Há muito, talvez há décadas, que Pedro Costa renunciou à habitual economia da produção de cinema para trabalhar em pintura”, enceta Julien Gester, do *Libération*, que considerou *Vitalina Varela* “sumptuoso”. O jornalista francês fez o elogio simultâneo ao filme e à sua protagonista, também premiada – “imensa heroína, aparição já inesquecível no filme anterior [*Cavalo Dinheiro*], em quem Costa encontrou um novo ‘espelho de paciência’, um absoluto de majestade e obstinação”.

Nos balanços de Locarno 2019 é também uma constante a dialéctica Vitalina, o filme vs. Vitalina, a atriz. Tal como são constantes as menções a Leonardo Simões, diretor de fotografia de *Vitalina Varela* e colaborador habitual de Costa. A referência ao *chiaroscuro*, essa técnica da pintura feita cinema nas mãos de Costa, é recorrente nas descrições dos jogos de luz e sombra e dos instantâneos de Leonardo Simões na obra agora premiada. Menos encantado com o formalismo de *Vitalina Varela*, o crítico Jay Weissberg, da *Variety*, sugere porém que esta “obra punitivamente escura”, “salva” pela protagonista de “se afogar na sua opacidade propositada”, seria mais legível enquanto exposição de fotografias.

Weissberg, que guarda os elogios para Vitalina Varela, a atriz, considera que “a adesão rígida de Costa ao formalismo vai excitar os seus fãs”, mas sugere que “outros podem sentir-se menos arrebatados pelas suas imagens rigidamente compostas e usadas para gerar emoções intelectualiza-

das”. E recorda que esses fãs são “um pequeno mas influente grupo de estas”, lembrete também bem presente na publicação rival, a *Hollywood Reporter*; o crítico desta, por seu turno, dá nota máxima a *Vitalina Varela*, que resume como “um pesadelo fascinante”, “uma *mood piece* inegavelmente exigente mas cumulativamente recompensadora”, “um estudo intrincado e silenciosamente comovente sobre a amargura”, um “épico íntimo”. Que, acredita, dará a Pedro Costa o seu maior potencial de reconhecimento e circulação internacional desde *Juventude em Marcha* (2006).

#### “Magistral”

No *Libé*, Julien Gester, que faz ainda um apanhado da armada portuguesa desta edição do festival, regressa a Pedro Costa para lhe dar filiação. Entre as luzes (poucas) e as sombras (tantas) de *Vitalina Varela*, encontra evocações das “visões obscurecidas de um David Lynch ou de um [fotógrafo como] Bill Henson, além de Jacques Tourneur”, referência recorrente. Eric Kohn, no *Indiewire*, não o esquece, sublinhando ter saído de *Vitalina Varela* convicto da “capacidade magistral de Costa para extrair a poesia cinematográfica de um ambiente único e das figuras fúnebres que vagueiam pelas suas turvas profundezas”.

O realizador português produziu “mais uma visão arrebatadora e magistral”, titulóu aquele *site*, concretizando uma vez mais essa visão do cineasta como artista plástico: “Poucos realizadores pintam com um pincel tão singular. Desde que Béla Tarr se reformou, Costa tornou-se o portaestandarte de um certo tipo de cinema, taciturno, lírico, impregnado de ambiguidade e rico em implicações.” E perante essa e outras certezas (como a de Daniel Kasman, do *site Mubi*, para quem *Vitalina Varela* foi “de longe o melhor novo filme no festival, correndo mais riscos, percorrendo o caminho mais difícil”, o final feliz do Leopardo de Ouro parecia quase inevitável.

joana.cardoso@publico.pt

### Palmarés integral

#### Concurso Internacional

##### Leopardo de Ouro

*Vitalina Varela*, de Pedro Costa

##### Prémio Especial do Júri

*Pa-Go*, de Park Jung-bum

##### Melhor Realização

Damien Manivel, por *Les Enfants d'Isadora*

##### Melhor Actriz

Vitalina Varela, por *Vitalina Varela*

##### Melhor Actor

Régis Myrupu, por *A Febre*, de Maya Da-Rin

##### Melhor Actor

Régis Myrupu, por *A Febre*, de Maya Da-Rin

#### Cineastas do Presente

##### Leopardo de Ouro

*Baamum Nafi*, de Mamadou Dia

##### Melhor Realização

Hassen Ferhani, por *143 Rue du Désert*

##### Prémio Especial do Júri

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

*Ivana Cea Groaznica*, de Ivana Mladenovic

de estudantes. Ambos foram porém bastante notados, tal como *Prazer, Camaradas!*, de José Filipe Costa (que, fora de concurso, teve até direito a projecções adicionais), ou o novo filme da dupla Maya Kosa/Sérgio da Costa, *L'Île aux Oiseaux*, que recebeu críticas muito positivas e foi considerado uma das melhores propostas apresentadas pela paralela Cineastas do Presente.

Nesta competição secundária, destinada a primeiras e segundas obras, o Leopardo de Ouro foi para o filme do senegalês Mamadou Dia, *Baamum Nafi (Nafi's Father)*, tragédia familiar à volta de um casamento e do confronto entre dois irmãos, um fundamentalista religioso e um imã

moderado. *Baamum Nafi* recebeu igualmente o prémio de Melhor Primeira Obra, atribuído por um júri distinto.

O argelino Hassen Ferhani recebeu o prémio de melhor realizador pelo documentário *143 Rue du Désert*, e a comédia autobiográfica de Ivana Mladenovic *Ivana Cea Groaznica (Ivana the Terrible)* teve o Prémio Especial do Júri.

#### Um palmarés inclusivo

Numa edição marcada pela retrospectiva de cem anos de cinema negro *Black Light*, as escolhas dos vários júris acabam por convergir numa mesma celebração – do outro, da multiplicidade de experiências, de vidas, de olhares. Desde a experiência emigrante de Vitalina, que conta a sua própria história no filme de Pedro Costa, à cidadezinha senegalesa de *Baamum Nafi*, passando pelo choque cultural entre os índios e a cultura ocidental de *A Febre* ou pela ideia da arte como experiência universal em *Les Enfants d'Isadora*, tudo no palmarés de Locarno 2019 responde ao mundo em que vivemos; abre-se à diferença e à multiculturalidade, recusa muros, fronteiras, paredes.

É um palmarés inclusivo, o que é também representativo do papel de “ponta-de-lança” que o festival suíço tem vindo a assumir ao longo dos últimos anos, como defensor ardente de um cinema de autor mais próximo das populações e mais distante dos ditames do *mainstream* americano. Também por isso foi uma surpresa ver fora do palmarés *The Last Black Man in San Francisco*, o vencedor do Festival de Sundance que também respondia a esse papel, mas é verdade que nos últimos anos Locarno não tem premiado cineastas americanos, apesar de continuar a apoiá-los e a mostrá-los.

Mas, para todos os efeitos, 2019 vai ficar como o ano de Pedro Costa, o ano em que, pela primeira vez no século XXI, uma cinematografia respeitada e aclamada em todo o mundo (menos no seu próprio país) como a portuguesa recebe um prémio máximo num festival de primeira categoria.

A 72.ª edição de Locarno encerrou oficialmente na noite de ontem com a estreia de *To the Ends of the Earth*, do japonês Kiyoshi Kurosawa; a 73.ª edição do festival terá lugar de 5 a 15 de Agosto de 2020.

FOTOS: CORTESIA FESTIVAL DE LOCARNO



## CULTURA

# Uma agulha no palheiro no regresso a Coura de Father John Misty: black midi

Ao terceiro dia do festival, que terminou nesta madrugada, os londrinos conseguiram intrometer-se com o seu rock 2.0 entre nomes maiores de um alinhamento que também incluía Spiritualized e Deerhunter

## Música

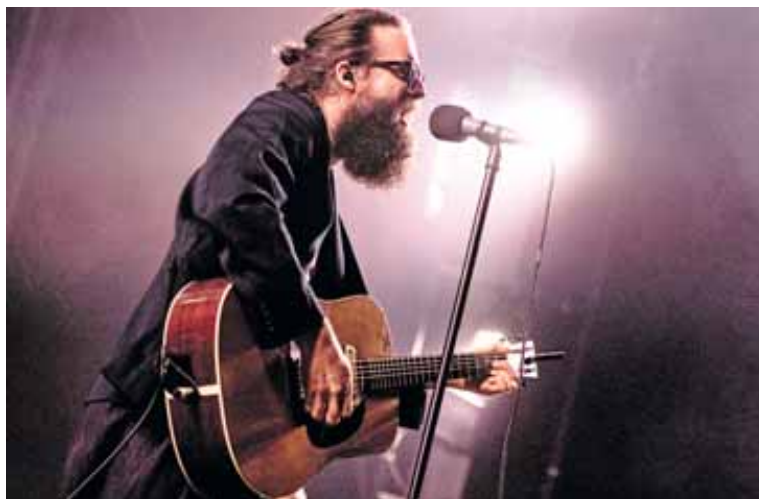
André Borges Vieira (texto),  
Paulo Pimenta (fotografias)

Numa era em que há novos álbuns editados diariamente e de acesso quase imediato a partir da barra de busca de uma plataforma de *streaming*, nunca foi tão difícil encontrar aquela banda que não soa ao mesmo que a outra na qual tropeçámos dias antes. Escavar, à procura da “nova grande cena”, um ciberespaço atulhado pelas dezenas ou centenas (serão milhares?) de novos trabalhos atirados todas as semanas para uma nuvem com espaço ilimitado tornou-se uma missão quase tão difícil quanto a de achar vida em Marte.

Como com quase tudo o que teima em não aparecer, é quando deixamos de procurar que esbarramos no que queremos encontrar. Ao terceiro *round* da 27.ª edição do Vodafone Paredes de Coura, tivemos um desses momentos. Não que algo tivesse manchado a actuação das três bandas que repartiam os créditos de cabeça de cartaz. Father John Misty fez tudo bem, mas nada além do que já o vimos fazer neste mesmo palco ou noutras das suas várias actuações anteriores pelo nosso país. Os Deerhunter encontraram o equilíbrio perfeito entre o pessimismo e a esperança. E os Spiritualized elevaram a sua música a outro patamar com a ajuda de um coro gospel.

Mas foi no palco mais pequeno e mais escondido do festival que reencontrámos os desconcertantes black midi e o caos organizado do rock fresco e surpreendente que fazem, depois de um primeiro encontro em Outubro passado, então sem garantia de que voltaríamos a vê-los.

Quando os londrinos passaram então pela última edição do Festival Mucho Flow, em Guimarães, vinham referenciados por algumas publicações da especialidade como sendo, a par dos Shame, que estiveram em Coura em 2018, uma das melhores bandas ao vivo da actualidade no Reino Unido. Embora nos tenha parecido exagerada a referência, face a uma actuação muito acima da média candidatámos a banda a pro-



va dos nove a ser feita noutra oportunidade. E eis então que Paredes de Coura os apresentou anteontem a um público mais largo, agora já munidos de um primeiro álbum, *Schlagenheim*, editado em Junho. Em boa hora o fez, e em boa hora quis a agenda dos londrinos que a melhor data para actuarem fosse sexta-feira, juntando-se a um alinhamento que

não insinuava a possibilidade de surpresas maiores. Os britânicos seriam a injeção de adrenalina de que o terceiro dia do festival precisava.

Os black midi vão buscar o nome ao género musical japonês que recorre a maquinaria, a partir de ficheiros MIDI – compostos por seres humanos, aparentemente sem qualquer adição biónica, soam como a máqui-

pela primeira vez. Com a experiência perde-se o efeito-surpresa, mas trará certamente algum conforto chegar a um palco e ter à frente uma plateia conquistada mesmo antes de se tocarem os primeiros acordes – como aconteceu nesta edição de Paredes de Coura a Father John Misty, Deerhunter e Spiritualized.

O primeiro, alter-ego de John Tillman, continua certinho como um relógio suíço. Em palco, com um trio de sopros a dar consistência aos temas do último *God's Favorite Customer*, é irrepreensível sem sequer ter de se esforçar. O indie folk que faz não chega à genialidade da banda de que foi baterista até 2012, os Fleet Foxes; não há nada, porém, que se lhe possa apontar tecnicamente. Tem argumentos a nível de composição e público fiel, mas talvez não lhe fizesse mal sair da zona de conforto para poder reinventar-se.

Os Spiritualized tentaram fazê-lo, adicionando a um palco aberto com vista para o fundo, sem nada nem ninguém a impedir a visão (Jason Pierce passou o concerto sentado, encostado ao lado direito), um coro gospel composto por três vocalistas. Estas elevaram a banda do também fundador dos Spacemen 3 a outro patamar, sobretudo nos temas do novo álbum *...And Nothing Hurt*, quando a actuação passou por uma fase mais introspectiva, depois de um início inclinado para a fase space rock. Entre altos e baixos, conseguiram recuperar o fôlego para terminarem com nota positiva.

Já os Deerhunter foram mais sólidos. Numa fase pessimista desde que lançaram, já este ano, *Hasn't Everything Already Disappeared?*, facilmente saem desse estado de espírito para saltarem sem qualquer prurido ou problema de consciência para a festa mais sem-vergonha. Algures durante o concerto, tocaram pela primeira vez em Portugal *Coronado*, tema de *Halcyon Digest* (2010), com saxofone a evidenciar-se. Bastante comunicativo, Bradford Cox disse estar a escavar o universo da música portuguesa e perguntou se alguém conhecia Nuno Canavarro e os Street Kids. Ficou à espera de resposta.

### Os black midi (em cima) agitaram uma noite encabeçada por Father John Misty (ao lado)

na mais poderosa do rock 2.0. Têm a aparência e o som sujo de uma banda de garage, mas encostam-se ao math rock com frequência, sem qualquer tipo de pedantismo virtuoso. Ao noise vão quando querem abrir uma via para o caos, mas sem perder a musicalidade, conseguindo encaixar o ruído numa estrutura musical organizada.

O som destes quatro rapazes de ar bem-comportado é viciante e suga todas as atenções. Com apenas dois anos de banda e um álbum na carteira, mas já com muitos quilómetros de estrada, os black midi arriscam-se a subir vários degraus num só passo a muito curto prazo.

### Zonas de conforto

Ao contrário do que sucederá com os black midi, há muito que as três bandas que fecharam o palco principal na sexta-feira já não sentirão a ansiedade de enfrentar um público

**EMPREGO**

INSCREVA-SE EM  
EMPREGO.PUBLICO.PT



EM PARCERIA COM  
**trabalhando.pt**

**PINE CLIFFS RES.  
SHERATON ALGARVE**

**Cede-se (24 a 31 Agosto)**  
Golf Suíte, 2 Quartos, Sala, Cozinha,  
Praia Privativa, Piscinas e outras inf.  
Tel. 919700134



AdRA - Águas da Região de Aveiro, S.A.

**AVISO  
INTERRUPÇÃO DO ABASTECIMENTO DE ÁGUA**

**07/08/2019 – DAS 13:00H ÀS 17:00H**

**Lugares Massadas, Castanheira e Vale da Galega**  
Freguesia: União de Freguesias de Belazaima, Castanheira do Vouga e Agadão.  
**Município de Águeda**

A AdRA – Águas da Região de Aveiro, S.A., informa que no dia 07/08/2019, entre as 13:00h e as 17:00h, irá interromper o abastecimento de água nos Lugares de Massadas, Castanheira e Vale da Galega, Freguesia: União de Freguesias de Belazaima, Castanheira do Vouga e Agadão, Município de Águeda.

Investimento ao serviço das populações:  
Esta perturbação deve-se a trabalhos relacionados com a limpeza e higienização dos reservatórios que abastecem as localidades acima mencionadas. Agradecemos a sua compreensão e pedimos desculpa por qualquer incómodo. Para o esclarecimento de qualquer dúvida ou obtenção de informações adicionais, utilize o número azul 808 200 217.

**O Presidente do Conselho de Administração**  
**Fernando Vasconcelos, Eng.**



**CONHEÇA A NOSSA SELECÇÃO  
DE VINHOS E PRODUTOS GOURMET**



**EDIFÍCIO  
DIOGO CÃO**  
DOCA DE ALCANTARA  
NORTE, LISBOA  
(JUNTO AO  
MUSEU DO ORIENTE)  
HORÁRIO:  
2.ª - 6.ª FEIRA: 9H - 19H  
SÁBADO: 11H - 17H

MAIS INFORMAÇÕES: [loja.publico.pt](http://loja.publico.pt) | 210 111 010



Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, especificamente constituída para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade. Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

**Contactos**

**Sede:** Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: [geral@alzheimerportugal.org](mailto:geral@alzheimerportugal.org)  
**Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia:** Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00  
**Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»:** Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: [casadoalecrim@alzheimerportugal.org](mailto:casadoalecrim@alzheimerportugal.org)  
**Delegação Norte:** Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: [geral.norte@alzheimerportugal.org](mailto:geral.norte@alzheimerportugal.org)  
**Delegação Centro:** Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: [geral.centro@alzheimerportugal.org](mailto:geral.centro@alzheimerportugal.org)  
**Delegação da Madeira:** Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL - Tel. 291 772 021 - E-mail: [geral.madeira@alzheimerportugal.org](mailto:geral.madeira@alzheimerportugal.org)  
**Núcleo do Ribatejo:** R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: [geral.ribatejo@alzheimerportugal.org](mailto:geral.ribatejo@alzheimerportugal.org)  
**Núcleo de Aveiro:** Santa Casa da Misericórdia de Aveiro - Complexo Social da Quinta da Moita - Oliveirinha, 3810 Aveiro - Tel. 23 494 04 80 - E-mail: [geral.aveiro@alzheimerportugal.org](mailto:geral.aveiro@alzheimerportugal.org)

LEVOIR

NÃO NOS  
SALVAMOS DA BATALHA  
PARA NOS AFOGARMOS NO MAR.  
É IMPOSSÍVEL QUE NINGUÉM  
NOS TENHA VISTO CAIR  
DA COSTA.



**+10,90 €**  
QUINTA, 22 AGO  
COM O PÚBLICO  
**P**

EDIÇÃO EM  
CAPA DURA  
INÉDITA  
EM PORTUGUÊS

**O RASTO DA GUERRA  
QUE NÃO DEIXAVA VER O SOL**

**COLECÇÃO NOVELAS GRÁFICAS  
VOL. 8 – DIAS SOMBRIOS, DE JUAN ESCANDELL E LLUÍS FERRER FERRER**

A 10 de Janeiro de 1944, e depois de um feroz combate aéreo sobre os céus de Ibiza, um caça britânico abate um avião Junkers Ju 88 alemão junto à costa, fazendo com que se despenhasse no mar. Os sobreviventes são salvos por um grupo de pescadores locais, e o seu destino é desvendado nesta história baseada em factos reais. A obra foi ilustrada pelo octogenário Juan Escandell, um dos raros veteranos da mítica editora Bruguera ainda em actividade.

Todas as quintas, com o Público, os melhores da literatura vão juntar-se aos melhores da ilustração.

# DESPORTO

## Dique do Belenenses SAD cedeu à torrente do Benfica

“Encarnados” dominaram e ganharam num estádio no qual tinham deixado ficar três pontos na temporada passada. Rafa esteve sempre uma velocidade acima de todos os outros

**Belenenses SAD** **0**

**Benfica** **2**

Rafa 59', Pizzi 90+2'

Estádio do Jamor, em Oeiras ●

**Belenenses SAD** Koffi, Calila ●90', Gonçalo Silva, Kau ●35' (Faraj, 79'), Varela (Uche, 56'), Nuno Coelho, André Santos ●68', Matija Lujic ●65', Lucca ●4', Licá ●82', Kikas ●50' (Vélez, 64'). **Treinador** Silas

**Benfica** Vlachodimos, Nuno Tavares ●40', Ruben Dias, Ferro, Grimaldo, Florentino, Samarís, Pizzi (Taarabt, 90'), Rafa, Seferovic (Vinicius, 90'), Raul de Tomás (Chiquinho, 74'). **Treinador** Bruno Lage

**Árbitro** Fábio Veríssimo (AF Leiria)

### Positivo/Negativo

**+ Rafa** Início de época fulgurante. Explosivo no arranque, deixou sempre os rivais para trás e invadiu com facilidade o espaço entre linhas. Um golo, uma assistência e mais um par de lances de pura classe.

**Florentino** Recuperou uma quantidade absurda de bolas, raramente cometendo falta. A capacidade de ler o jogo e o seu sentido posicional são invulgares.

**Koffi** Seguro entre os postes, o guarda-redes burquinês também foi eficaz no jogo de pés. Evitou uma derrota por outros números.

**- Raul de Tomás** Um jogo muito infeliz nos momentos de definição e finalização. Trabalhou muito, mas isso não chega.

**Relvado** Num estado lastimável, teve impacto, e não foi pouco, na qualidade do espectáculo.

### Crónica de jogo

Nuno Sousa

Há dias assim, em que (quase) nada corre bem a uns e (quase) tudo corre bem a outros. Num jogo praticamente de sentido único, o Benfica não pôde contar com a eficácia dos dois avançados, mas acabou por compensar essa lacuna com o tremendo acerto dos alas, que deram expressão no marcador a um domínio claro sobre o Belenenses SAD (0-2). À segunda jornada da Liga, os “encarnados” mantêm a liderança.

Foram duas ideias de jogo distintas as apresentadas sobre um relvado que não esteve à altura dos artistas que o pisaram. Silas, que há muito que já provou ser um estratega capaz, optou por um sistema que contemplava cinco defesas (um 5x4x1 em organização defensiva) graças ao recuo de Nuno Coelho. A

ideia permitiu-lhe ganhar linhas de passe na saída de bola e desmobilizar a pressão em cunha que Seferovic e Raul de Tomás normalmente exercem – o espanhol passou a jogar uns metros mais atrás, para evitar que a bola entrasse nos médios.

Se do ponto de vista defensivo o Belenenses SAD conseguiu manter alguma solidez, ofensivamente mostrou sérias dificuldades em entrar no bloco do Benfica, que fechava bem por dentro e era rápido a apertar o adversário quando a bola entrava no lateral. De tal forma que a única real ocasião que criou no primeiro tempo surgiu na sequência de uma escorregadela de Ruben Dias após uma solicitação de Kikas na profundidade: no frente a frente com Vlachodimos, o guarda-redes levou a melhor.

Antes, já tinham sido dados múltiplos sinais de que não seria a noite de Raul de Tomás ou de Seferovic. Aos 7', Pizzi fez um passe a régua e

### REACÇÕES

**“Conseguimos neutralizar a primeira parte do Benfica e, num erro nosso, sofremos o golo e já não conseguimos empatar”**

**Nelson Santos**  
Belenenses SAD

**“Fomos inteligentes a procurar o corredor e o espaço certo para chegarmos ao golo. Fico satisfeito com a vitória”**

**Bruno Lage**  
Benfica

esquadro que o espanhol desperdiçou primeiro e o suíço a seguir; aos 17', De Tomás cabeceou por cima após passe de Rafa; aos 23', tentou a sorte de fora da área mas a bola saiu ao lado do poste direito.

A ansiedade de fazer o primeiro golo oficial pelo Benfica também não o ajudou num segundo tempo em que a lucidez da tomada de decisão passava a ter também o desgaste como inimigo. Percebia-se que a solução teria de ser outra e a via mais directa para o sucesso acabaria por ser Rafa. Imparável nas arrancadas pelo corredor central (“custou” três amarelos ao Belenenses SAD), o extremo mostrou também os dentes a recuperar bolas e finalizou com uma precisão cirúrgica aos 58'.

O dique montado pelos anfitriões, que até aí tinha aguentado a torrente de futebol gerado pelo campeão nacional, cedia e um novo jogo começava. Silas ainda esperou para ver qual a reacção do Belenenses SAD, mas arriscou tudo aos 79', quando trocou o central Kau pelo extremo Imad Faraj, transformando o 5x4x1 num 4x4x2.

Numa falha individual de Nuno Tavares, o argentino Nicolas Vélez esteve perto de empatar (atirou ao lado só com Vlachodimos pela frente), mas seria o Benfica a acabar com as dúvidas. Já com Chiquinho em campo, um jogador acima da média quando se trata de definir no último terço, a bola voltou a entrar na baliza de Koffi aos 84', mas foram necessários cinco minutos de conferência das imagens para o golo de Seferovic ser anulado, por fora-de-jogo.

Rafa, porém, não estava satisfeito e tinha mais uma mudança para engatar. Com a naturalidade de quem “funciona” uma velocidade acima dos outros, disparou pelo corredor central aos 90+2', libertou para Pizzi na direita, no momento certo, e o remate cruzado só parou no fundo das redes.

Com o trabalho de casa feito, diante de um adversário de má memória recente, o Benfica pode agora centrar atenções no clássico com um FC Porto que tenta recuperar terreno.



Os festejos que se seguiram ao primeiro golo do Benfica no Jamor

MÁRIO CRUZ/LUSA

nsousa@publico.pt

# Relâmpago Zé Luís iluminou a noite em que o FC Porto se reencontrou com o futuro

**FC Porto** **4**  
Zé Luís 11', 20' e 63', Luis Díaz 64'

**V. Setúbal** **0**

Estádio do Dragão, no Porto  
Espectadores 38.820

**FC Porto** Marchesín, Corona, Pepe, Marcano, Alex Telles, Romário Baró (Nakajima, 67'), Danilo, Matheus Uribe, Luis Díaz, Zé Luís (Fábio Silva, 78'), Marega (Soares, 72'). **Treinador** Sérgio Conceição

**V. Setúbal** Makaridze, Mano ●77', Artur Jorge ●45+1', Bruno Pires, Sílvio, Hildeberto (Mansilla, 68'), Leandro Vilela (Carlinhos, 46'), Nuno Valente, Éber Bessa, Zequinha, Hachadi (Guedes, 78'). **Treinador** Sandro Mendes

**Árbitro** Manuel Mota (AF Braga)

## Positivo/Negativo

### + Zé Luís

Estreou-se a marcar de azul no campeonato e logo com um *hat-trick* que dilacerou os setubalenses e lançou o FC Porto para uma noite de gala. Desbloqueou o jogo com uma bomba, bisou pouco depois em suspensão e fechou a contabilidade pessoal com novo golpe de cabeça, elevando-se e elevando o Dragão.

### Marchesín

Numa noite genericamente tranquila, fez o que só está ao alcance de alguns, segurando a vantagem no primeiro susto frente a Hachadi, a quem voltou a negar a felicidade já com 4-0, desviando a recarga de Éber Bessa para a barra.

### - Danilo

Ainda não se libertou totalmente do estigma do estágio e continua a lutar para voltar ao que, em condições normais, consegue sem esforço. Um erro podia ter perturbado a equipa, mas Hachadi perdeu.



JOSE COELHO/LUSA

**Zé Luís já é um dos melhores marcadores da presente edição do campeonato**

## Crónica de jogo Augusto Bernardino

**“Dragão” intenso arranca goleada com direito a *hat-trick* do avançado ex-Spartak, mesmo a tempo da deslocação à Luz**

Inclemente, o FC Porto descarregou, no regresso a casa para o campeonato, toda a sua ira num V. Setúbal (4-0) que se revelou demasiado frágil para causar mais danos aos “dragões”. A uma semana do duelo com os campeões nacionais e actuais líderes da Liga, Sérgio Conceição não tinha alternativa. Era preciso uma resposta contundente, com os jogadores a darem a cara e a alma no inadiável reencontro com o futuro.

Depois de um arranque de época verdadeiramente amargo, os “dragões” dispensaram o menu de degustação, tornando óbvio que não havia tempo para cerimónias. Apenas uma mensagem urgente para descodificar. A operação-relâmpago, mesmo sem elemento surpresa, aturdiu um V. Setúbal sem tempo nem espaço para se organizar, preocupando-se apenas

em sustar o instinto e ferocidade portistas. Com Corona a lateral direito e Renzo Saravia na bancada, Sérgio Conceição concedia a titularidade a Matheus Uribe e ao jovem Romário Baró. Na linha da frente, Zé Luís formava com Marega uma dupla de peso, preparada para funcionar como um autêntico ariete.

A atmosfera do Dragão tornava-se demasiado densa antes de ficar mesmo irrespirável para os sadinos, que, antes de cederem o primeiro golo, sentiram toda a fúria de uma equipa de orgulho ferido.

Makaridze fez o que pôde, travando por instinto o primeiro golpe do avançado contratado ao Spartak, postura que manteve até final, sem responsabilidades no que se seguiu. O poste mostrou-se solidário e adiou o inevitável, num livre directo de Alex Telles, com recarga desastrosa de Marcano. Em oito minutos, os “azuis e brancos” criavam lances de perigo em catadupa.

O FC Porto caía positivamente em cima do V. Setúbal e aos 11 minutos conseguia o objectivo. Zé Luís beneficiava de uma sucessão de erros na transição defensiva setubalense, recuperando a bola junto da baliza adversária para desferir um remate impa-

rável. A vantagem não era, contudo, suficiente para aplacar a fúria e o “dragão” não aliviava o garrote. Marega mostrava estômago para continuar o massacre, mas a cabeça não atinava com a baliza. Depois de 15 minutos sem tréguas, a descompressão poderia trair os intentos portistas e uma tremenda *gaffe* de Danilo oferecia o empate a Hachadi, mas, deslumbrado, o marroquino viu a grande oportunidade vitoriana esfumar-se na envergadura de Marchesín, mais uma vez a justificar a contratação.

Tanto que logo Zé Luís tratou de dissipar as nuvens do horizonte portista, bisando de cabeça, num mergulho com nota artística. O lance teve que passar no crivo do VAR, que autorizou a bola ao centro e o 2-0 ao intervalo. Antes, porém, Danilo tentara redimir-se num remate fulminante, imitando a meia-distância de Romário Baró, que Makaridze resolveu.

A segunda parte foi uma réplica da primeira, com Zé Luís a consumir o *hat-trick* (novamente de cabeça) e Luis Díaz a fechar as contas no minuto imediato, após passe de Marega. O V. Setúbal pouco podia fazer, até porque Marchesín não o permitiu.

## CLASSIFICAÇÃO

### I LIGA

| Jornada 2               |                |  |
|-------------------------|----------------|--|
| Famalicão-Rio Ave       | 1-0            |  |
| Moreirense-Gil Vicente  | 3-0            |  |
| Belenenses SAD-Benfica  | 0-2            |  |
| FC Porto-V. Setúbal     | 4-0            |  |
| P. Ferreira-Santa Clara | 16h*           |  |
| Desp. Aves-Marítimo     | 16h*           |  |
| V. Guimarães-Boavista   | 18h30*         |  |
| Sporting-Sp. Braga      | 21h*           |  |
| Tondela-Portimonense    | amanhã, 20h15* |  |

|                     | J | V | E | D | M-S | P |
|---------------------|---|---|---|---|-----|---|
| 1.º Benfica         | 2 | 2 | 0 | 0 | 7-0 | 6 |
| 2.º Famalicão       | 2 | 2 | 0 | 0 | 3-0 | 6 |
| 3.º FC Porto        | 2 | 1 | 0 | 1 | 5-2 | 3 |
| 4.º Sp. Braga       | 1 | 1 | 0 | 0 | 3-1 | 3 |
| 5.º Moreirense      | 2 | 1 | 0 | 1 | 4-3 | 3 |
| 6.º Boavista        | 1 | 1 | 0 | 0 | 2-1 | 3 |
| 7.º Gil Vicente     | 2 | 1 | 0 | 1 | 2-4 | 3 |
| 8.º Marítimo        | 1 | 0 | 1 | 0 | 1-1 | 1 |
| 9.º Sporting        | 1 | 0 | 1 | 0 | 1-1 | 1 |
| 10.º Portimonense   | 1 | 0 | 1 | 0 | 0-0 | 1 |
| 11.º Tondela        | 1 | 0 | 1 | 0 | 0-0 | 1 |
| 12.º Belenenses SAD | 2 | 0 | 1 | 1 | 0-2 | 1 |
| 13.º V. Setúbal     | 2 | 0 | 1 | 1 | 0-4 | 1 |
| 14.º V. Guimarães   | 0 | 0 | 0 | 0 | 0-0 | 0 |
| 15.º Rio Ave        | 1 | 0 | 0 | 1 | 0-1 | 0 |
| 16.º Desp. Aves     | 1 | 0 | 0 | 1 | 1-2 | 0 |
| 17.º Santa Clara    | 1 | 0 | 0 | 1 | 0-2 | 0 |
| 18.º P. Ferreira    | 1 | 0 | 0 | 1 | 0-5 | 0 |

**Próxima jornada** V. Setúbal-Moreirense, Rio Ave-Desp. Aves, Boavista-Paços Ferreira, Benfica-FC Porto, Santa Clara-Belenenses SAD, Marítimo-Tondela, Portimonense-Sporting, Gil Vicente-Sp. Braga, V. Guimarães-Famalicão

### II LIGA

| Jornada 2                |        |  |
|--------------------------|--------|--|
| Ac. Viseu-Académica      | 0-0    |  |
| Oliveirense-Sp. Covilhã  | 0-2    |  |
| Desp. Chaves-Mafra       | 2-1    |  |
| Casa Pia-Penafiel        | 1-2    |  |
| Estoril-Farense          | 11h15* |  |
| FC Porto B-Varzim        | 16h**  |  |
| Leixões-Nacional         | 16h    |  |
| Cova da Piedade-Feirense | 16h    |  |
| Vilafranquense-Benfica B | 18h15  |  |

\*SportTV \*\*Porto Canal

|                      | J | V | E | D | M-S | P |
|----------------------|---|---|---|---|-----|---|
| 1.º Sp. Covilhã      | 2 | 2 | 0 | 0 | 4-0 | 6 |
| 2.º Ac. Viseu        | 2 | 1 | 1 | 0 | 2-0 | 4 |
| 3.º Académica        | 2 | 1 | 1 | 0 | 3-2 | 4 |
| 4.º Nacional         | 1 | 1 | 0 | 0 | 3-0 | 3 |
| 5.º Farense          | 1 | 1 | 0 | 0 | 3-1 | 3 |
| 6.º Feirense         | 1 | 1 | 0 | 0 | 2-0 | 3 |
| 7.º Benfica B        | 1 | 1 | 0 | 0 | 2-1 | 3 |
| 8.º Mafra            | 2 | 1 | 0 | 1 | 4-4 | 3 |
| 9.º Penafiel         | 2 | 1 | 0 | 1 | 2-3 | 3 |
| 10.º Desp. Chaves    | 2 | 1 | 0 | 1 | 2-4 | 3 |
| 11.º Varzim          | 1 | 0 | 1 | 0 | 0-0 | 1 |
| 12.º Oliveirense     | 2 | 0 | 1 | 1 | 0-2 | 1 |
| 13.º Cova da Piedade | 1 | 0 | 0 | 1 | 2-3 | 0 |
| 14.º Leixões         | 1 | 0 | 0 | 1 | 2-3 | 0 |
| 15.º Estoril         | 1 | 0 | 0 | 1 | 1-2 | 0 |
| 16.º FC Porto B      | 1 | 0 | 0 | 1 | 0-2 | 0 |
| 17.º Vilafranquense  | 1 | 0 | 0 | 1 | 0-2 | 0 |
| 18.º Casa Pia        | 2 | 0 | 0 | 2 | 2-5 | 0 |

**Próxima jornada** Benfica B-Oliveirense, Académica-Desp. Chaves, Feirense-Ac. Viseu, Sp. Covilhã-Vilafranquense, Penafiel-Cova Piedade, Farense-FC Porto B, Nacional-Mafra, Casa Pia-Estoril, Varzim-Leixões



### MELHORES MARCADORES

**I Liga**  
3 golos Pizzi (Benfica) e Zé Luís (FC Porto)

augusto.bernardino@publico.pt

## DESPORTO

## Moreirense desperta gilistas para a realidade

## Futebol

“Cónegos” vingaram derrota da primeira ronda, em Braga, goleando a equipa sensação por números generosos

Sem marcas da derrota de Braga e nada impressionado com o feito gilista (num auspicioso regresso à elite, com triunfo sobre o FC Porto na estreia da Liga), o Moreirense bateu, sem apelo nem agravo, na 2.ª jornada, um Gil Vicente chamado à realidade do campeonato (3-0).

Os três golos dos vimeirense, por Fábio Abreu (8'), Bilel (22') e Luther Singh (72'), não traduzem, ainda assim, a superioridade da equipa de Moreira de Cónegos, que só na primeira parte criou seis ocasiões flagrantes para marcar.

Os gilistas, pelo brasileiro Lourenço – autor do primeiro golo frente aos “dragões” – até prometeram, tendo construído a primeira grande situação de golo do jogo, aos 4', após arrancada do extremo, que cruzou para Sandro Lima, com Pasinato rápido a defender. Depois, foi o descalabro defensivo, com erros comprometedores que o Moreirense capitalizou, antes de passar a gerir a vantagem.

**Moreirense** 3  
Fábio Abreu 8', Bilel 22', Luther Singh 72'

**Gil Vicente** 0

Parque Desp. Comendador Joaquim Almeida Freitas, Moreira de Cónegos  
**Espectadores** 1792

**Moreirense** Pasinato, João Aurélio, Iago Santos, Steven Vitória, Djavan, Bilel, Fábio Pacheco, Alex Soares, Filipe Soares (Luther Singh, 68'), Fábio Abreu (Nenê, 86'), Pedro Nuno (Luiz Henrique, 84'). **Treinador** Vítor Campelos

**Gil Vicente** Denis, Kellyton (Edwin, 46'), Rodrigo (88'), Rúben Fernandes, Arthur Henrique (Zakaria Naidji, 46'), João Afonso, Soares (82'), Kraev (Samuel, 77'), Erick, Sandro Lima, Lourenço. **Treinador** Vítor Oliveira

**Árbitro** Manuel Oliveira (AF Porto)



Bas Dost apontou 93 golos em 127 jogos ao serviço do Sporting

## Bas Dost rumo a Frankfurt e Keizer procura equilíbrios

**Futebol**  
Augusto Bernardino

Avançado tem princípio de acordo para sair para o Eintracht e complica vida do técnico do Sporting, que hoje recebe o Sp. Braga

Marcel Keizer não foi a tempo de “encerrar a janela” de transferências e perdeu mesmo a principal referência atacante do Sporting, na véspera da recepção ao Sp. Braga (21, SportTV). Confirmadas as suspeitas crescentes em torno do futuro do holandês, é agora oficial que Bas Dost já não fará parte do grupo, pelo que não foi convocado pelo treinador para o primeiro jogo do campeonato em Alvalade, numa fase delicada, em que os “leões” ainda procuram a primeira vitória oficial.

A saída do ponta-de-lança – que se antevia iminente, sobretudo pela necessidade de aliviar a folha salarial e encaixar uma verba importante – foi, de resto, tema principal na conferência de Marcel Keizer, antes do anúncio oficial do Sporting, a dar conta do acordo com a equipa alemã, na qual actua o português Gonçalo Paciência e que esta época perdeu Luka Jovic, para o Real Madrid.

Ainda que de forma discreta, Keizer mostrou-se conformado, admitindo que até ao encerrar da janela de transferências tudo era possível, mesmo que não tivesse escondido o desejo de manter toda a gente, pelo que se dependesse do treinador holandês, o “mercado” fechava imediatamente. Keizer previa, de certa forma, este desfecho, pelo que sublinhou a necessidade de equilibrar a equipa, que hoje enfrenta um adversário incómodo. Depois da falsa partida frente ao Marítimo, a sublinhar uma pré-época atípica, sem qualquer vitória, ao Sporting de Marcel Keizer – mesmo sem Bas Dost – não restam alternativas que não passem pela vitória na recepção ao Sp. Braga. O treinador elogiou a formação bracarense, agora sob o comando técnico de Sá Pinto, e pediu equilíbrio aos jogadores.

Na Academia de Alcochete, em conferência de imprensa de antevésia do jogo no Estádio José Alvalade, Keizer assumia, então, viver na expectativa. “Bas Dost treinou-se durante toda a semana. Neste momento está cá. Veremos o que acontecerá nos próximos dias”, referiu, recebendo a resposta poucas horas depois.

“Não queremos perder nenhum jogador, mas temos de esperar. Preferia que a janela de mercado já esti-

vesse encerrada, pois precisamos de todos os jogadores do plantel”, prosseguia, ainda sem quaisquer garantias da administração. Marcel Keizer refugiava-se na competição e na obrigatoriedade de somar o primeiro triunfo na I Liga, depois do empate com o Marítimo (1-1), no Funchal.

“Estou focado neste jogo e na vitória. Encaro sempre os desafios com pensamento positivo, para poder melhorar o rendimento da equipa. Por isso, estou confiante num bom jogo”, reagiu perante a possibilidade de vir a ter o lugar em risco, potenciada pela prolongada ausência de vitórias. O técnico optou, então, por falar do Sp. Braga e das diferenças de estilos de Abel Ferreira e Sá Pinto. “O Sp. Braga está muito bem, com um novo treinador e um novo estilo, que tem produzido bons resultados e exibições, com uma boa dinâmica do meio-campo”, descreveu.

Numa semana em que garantiram a qualificação para o play-off da Liga Europa, voltando a vencer o Brøndby, os minhotos deslocam-se a Alvalade com uma ausência forçada: João Palhinha, emprestado pelos “leões”, não poderá alinhar, pelo que Ricardo Sá Pinto deverá recolocar o brasileiro Claudemir na zona mais recuada do meio-campo.

augusto.bernardino@publico.pt



## Breves

## Basquetebol

### Portugal perde na Islândia e fica fora do Europeu de 2021

A selecção portuguesa de basquetebol ficou ontem sem hipótese de ultrapassar a fase de pré-qualificação para o Europeu de 2021, ao perder por 96-68 na visita à Islândia. Em jogo do Grupo H da terceira ronda, os lusos já perdiam ao intervalo por 44-30 e, quando apenas falta disputar o Suíça-Islândia, só os nórdicos e os helvéticos podem chegar ao primeiro lugar, devido à diferença entre pontos marcados e sofridos. Portugal lidera o grupo com seis pontos, mas tem uma diferença entre pontos marcados e sofridos de 16 negativos, enquanto a Islândia, com cinco, tem 28 positivos, e a Suíça, com quatro, tem 12 negativos.

## Ciclismo

### Rui Costa foi segundo na última etapa da Volta a Burgos

O ciclista Rui Costa (UAE-Emirates) foi segundo classificado na quinta e última etapa da Volta a Burgos, em Espanha, prova vencida pelo colombiano Ivan Sosa (INEOS), que conquistou o troféu. Na derradeira tirada, Sosa cumpriu os 146km entre Santo Domingo de Silos e Lagunas de Leina em 3h33m53s, batendo Rui Costa por oito segundos e o eritreu Amanuel Ghebreigzabhier (Dimension Data), que liderava um quarteto, por 14 segundos. Ivan Sosa terminou a competição com 31 segundos de avanço sobre o espanhol Óscar Rodríguez (Euskadi) e 42 sobre o equatoriano Óscar Carapaz (Movistar). Rui Costa assumiu-se como o melhor português, em 10.º lugar, a 2m05s do vencedor.

# Este início de Liga não é para campeões

Manchester City viu o golo que seria do triunfo sobre o Tottenham ser anulado já na compensação. Real Madrid superou todos os obstáculos em Vigo, e Borussia continua a carburar, agora no campeonato

## Futebol internacional Nuno Sousa

Barcelona, Bayern Munique e agora Manchester City, nenhum deles está, até ver, na frente da competição que conquistou na época passada. Por demérito próprio, mas também por mérito dos rivais mais directos, que estão a dar uma resposta positiva neste arranque de temporada.

A 2.ª jornada da Premier League trouxe um embate de gigantes. Em Manchester, o City, detentor do título, mediu forças com o Tottenham, finalista da Liga dos Campeões. O guião não foi muito diferente do de tantos outros jogos com Pep Guardiola no banco, com os “citizens” a terem quase o monopólio da posse de bola (73% contra 27%), mas o desfecho acabou por ser um empate.

Bernardo Silva foi uma vez mais titular, mas seria Kevin de Bruyne a desenhar os melhores momentos da primeira parte, assistindo para o golo de Sterling (20’) e repetindo a dose para a finalização de Kun Aguero (35’), com um cruzamento da direita. Pelo meio, os “spurs” tinham reduzido na sequência de uma excelente acção individual de Lamela (23’) e chegariam mesmo à igualdade já no segundo tempo. Aos 56’, Lucas Moura saltou mais do que a concorrência e desviou de cabeça para a baliza, após um pontapé de canto.

Insatisfeito com resultado, bem mais do que o Tottenham, o Manchester City forçou o triunfo até final e chegou mesmo ao golo no tempo de compensação. Não valeria, porém. Após o visionamento das imagens, o árbitro aplicou uma das novas leis de jogo depois de ter descartinado um toque do braço de Laporte na bola, antes de Gabriel rematar para o 3-2.

Quem esfregou as mãos com este desfecho foram o Liverpool e o Arsenal, que comandam a tabela. Os “reds” sofreram, mas ganharam no terreno do Southampton (1-2), onde se colocaram em vantagem graças aos golos de Sadio Mané (45+1’) e Roberto Firmino (71’). Na recta final, o guarda-redes Adrián, decisivo na Supertaça europeia, colocou a bola



PHIL NOBLE/REUTERS

Vigo, os “merengues” impuseram-se por 1-3 e instalaram-se no topo da classificação, tirando também partido da derrota do Barcelona na véspera.

Gareth Bale, que tem sido sucessivamente dado como transferível para Zinedine Zidane, foi lançado no “onze” inicial, mas seria Benzema a inaugurar o marcador, aos 12’. Já perto do intervalo, o Celta conseguiria introduzir a bola na baliza de Courtois, depois de dois erros consecutivos de Odriozola, mas o golo acabou por ser anulado por fora-de-jogo.

Aos 56’, Modric teve uma entrada imprudente sobre Denis Suárez e viu o cartão vermelho directo, tornando mais difícil a vida ao Real. Mas a verdade é que, pouco depois, Toni Kroos assinou o momento do jogo e fez o 2-1, com um remate teleguiado, de fora da área, que deixou os “merengues” mais confortáveis no marcador.

Com o Celta a estender-se mais no terreno, o Real ainda voltou a marcar (80’), por Lucas Vázquez (lançado no jogo a meio da segunda parte), sendo que o melhor que a formação de Vigo conseguiu foi reduzir a diferença aos 90’, por Iker Losada.

## “Bis” de Alcácer e goleada

Algo de semelhante aconteceu na Alemanha, onde o candidato Borussia Dortmund também soube aproveitar o desliz do campeão. Sem o português Raphael Guerreiro, lesionado, a equipa orientada por Lucien Favre entrou em cena com uma goleada ao Augsburg (5-1), que dá seguimento ao triunfo obtido sobre o Bayern Munique na Supertaça.

No Signal Iduna Park, o Borussia até começou a perder, graças a um golo de Niederlechner no primeiro minuto, mas Paco Alcácer, que bisou na partida, igualou quase de imediato, aos 3’. Na segunda parte, o avançado espanhol, que foi decisivo em muitos dos jogos na época passada, voltaria a marcar (4-1, aos 59’), já depois de Jadon Sancho (51’) e Marco Reus (57’) terem ampliado a vantagem. Já com o adversário KO, Julian Brandt, o talentoso reforço proveniente do Bayer Leverkusen, fechou a contagem aos 82’.

## Kevin de Bruyne esteve na génese dos dois golos do Manchester City, diante do Tottenham

nos pés de Ings, que ainda reduziu (83’) e injectou uma dose inesperada de incerteza no resultado. Mas o campeão europeu segurou mesmo um triunfo idêntico ao alcançado pelos “gunners” (2-1), pouco antes.

Em Londres, e com o reforço David Luiz já a titular no eixo da defesa, o Arsenal chegou ao 1-0 frente ao Burnley através de Lacazette (13’), com Ashley Barnes a empatar em cima do intervalo (43’). Coube ao outro avançado dos anfitriões, o incontornável Aubameyang, resolver a partida, num grande lance individual que nasceu de uma recuperação alta de Dani Ceballos (64’) e assegurou o segundo triunfo em dois jogos a Unai Emery.

## Modric expulso

O Real Madrid contrariou as perspectivas mais pessimistas, geradas por uma pré-temporada que esteve longe de convencer, e entrou na Liga espanhola 2019-20 com uma vitória. Em

## CLASSIFICAÇÃO

### INGLATERRA

| Jornada 2                       |             |  |  |  |  |
|---------------------------------|-------------|--|--|--|--|
| Arsenal-Burnley                 | 2-1         |  |  |  |  |
| Aston Villa-Bournemouth         | 1-2         |  |  |  |  |
| Brighton-West Ham               | 1-1         |  |  |  |  |
| Everton-Watford                 | 1-0         |  |  |  |  |
| Norwich-Newcastle               | 3-1         |  |  |  |  |
| Southampton-Liverpool           | 1-2         |  |  |  |  |
| Manchester City-Tottenham       | 2-2         |  |  |  |  |
| Sheffield United-Crystal Palace | 14h         |  |  |  |  |
| Chelsea-Leicester               | 16h30       |  |  |  |  |
| Wolverhampton-Man. United       | amanhã, 20h |  |  |  |  |

|                      | J | V | E | D | M-S | P |
|----------------------|---|---|---|---|-----|---|
| 1. Liverpool         | 2 | 2 | 0 | 0 | 6-2 | 6 |
| 2. Arsenal           | 2 | 2 | 0 | 0 | 3-1 | 6 |
| 3. Manchester City   | 2 | 1 | 1 | 0 | 7-2 | 4 |
| 4. Brighton          | 2 | 1 | 1 | 0 | 4-3 | 4 |
| 5. Tottenham         | 2 | 1 | 1 | 0 | 5-3 | 4 |
| 6. Bournemouth       | 2 | 1 | 1 | 0 | 3-2 | 4 |
| 7. Everton           | 2 | 1 | 1 | 0 | 1-0 | 4 |
| 8. Manchester United | 1 | 1 | 0 | 0 | 4-0 | 3 |
| 9. Burnley           | 2 | 1 | 0 | 1 | 4-2 | 3 |
| 10. Norwich City     | 2 | 1 | 0 | 1 | 4-5 | 3 |
| 11. Sheffield United | 1 | 0 | 1 | 0 | 1-1 | 1 |
| 12. Crystal Palace   | 1 | 0 | 1 | 0 | 0-0 | 1 |
| 12. Leicester City   | 1 | 0 | 1 | 0 | 0-0 | 1 |
| 12. Wolverhampton    | 1 | 0 | 1 | 0 | 0-0 | 1 |
| 15. West Ham         | 2 | 0 | 1 | 1 | 1-6 | 1 |
| 16. Aston Villa      | 2 | 0 | 0 | 2 | 2-5 | 0 |
| 17. Newcastle United | 2 | 0 | 0 | 2 | 1-4 | 0 |
| 18. Southampton      | 2 | 0 | 0 | 2 | 1-5 | 0 |
| 19. Chelsea          | 1 | 0 | 0 | 1 | 0-4 | 0 |
| 19. Watford          | 2 | 0 | 0 | 2 | 0-4 | 0 |

### FRANÇA

| Jornada 2                  |     |  |  |  |  |
|----------------------------|-----|--|--|--|--|
| Lyon-Angers                | 6-0 |  |  |  |  |
| Nantes-Marselha            | 0-0 |  |  |  |  |
| Bordéus-Montpellier        | 1-1 |  |  |  |  |
| Metz-Mónaco                | 3-0 |  |  |  |  |
| Toulouse-Dijon             | 1-0 |  |  |  |  |
| Nimes-Nice                 | 1-2 |  |  |  |  |
| Amiens-Lille               | 1-0 |  |  |  |  |
| Saint-Étienne-Brest        | 14h |  |  |  |  |
| Reims-Strasbourg           | 16h |  |  |  |  |
| Rennes-Paris Saint-Germain | 20h |  |  |  |  |

|                        | J | V | E | D | M-S | P |
|------------------------|---|---|---|---|-----|---|
| 1. Lyon                | 2 | 2 | 0 | 0 | 9-0 | 6 |
| 2. Nice                | 2 | 2 | 0 | 0 | 4-2 | 6 |
| 3. Metz                | 2 | 1 | 1 | 0 | 4-1 | 4 |
| 4. Toulouse            | 2 | 1 | 1 | 0 | 2-1 | 4 |
| 5. Paris Saint-Germain | 1 | 1 | 0 | 0 | 3-3 | 3 |
| 6. Reims               | 1 | 1 | 0 | 0 | 2-0 | 3 |
| 7. Saint-Étienne       | 1 | 1 | 0 | 0 | 2-1 | 3 |
| 7. Rennes              | 1 | 1 | 0 | 0 | 1-0 | 3 |
| 9. Amiens              | 2 | 1 | 0 | 1 | 2-2 | 3 |
| 10. Lille              | 2 | 1 | 0 | 1 | 2-2 | 3 |
| 11. Angers             | 2 | 1 | 0 | 1 | 3-7 | 3 |
| 12. Estrasburgo        | 1 | 0 | 1 | 0 | 1-1 | 1 |
| 12. Brest              | 1 | 0 | 1 | 0 | 1-1 | 1 |
| 14. Nantes             | 2 | 0 | 1 | 1 | 1-2 | 1 |
| 14. Montpellier        | 2 | 0 | 1 | 1 | 1-2 | 1 |
| 16. Bordéus            | 2 | 0 | 1 | 1 | 2-4 | 1 |
| 16. Marselha           | 2 | 0 | 1 | 1 | 0-2 | 1 |
| 18. Dijon              | 2 | 0 | 0 | 2 | 1-3 | 0 |
| 19. Nimes              | 2 | 0 | 0 | 2 | 1-5 | 0 |
| 20. Mónaco             | 2 | 0 | 0 | 2 | 0-6 | 0 |

# BARTOON LUÍS AFONSO



## AESQUINA DO MUNDO

# O tempo de aprender com as crises



### Vicente Jorge Silva

**N**a tarde de sábado, no momento em que escrevo, não era ainda possível dar por definitivamente terminada a greve que há mais tempo e com maior intensidade perturbou o país. Mas os sinais pareciam claros: o isolamento do sindicato dos motoristas de matérias perigosas que liderou o movimento chegara a um ponto-limite e as suas energias estariam à beira do esgotamento. Apesar de todo o talento histriónico do verdadeiro líder da greve, o advogado Pardal Henriques – um fenómeno inteiramente novo no mundo sindical, político e mediático português –, seria absolutamente improvável que ele, mesmo acompanhado pela devoção cega dos seus fiéis, conseguisse inverter o equilíbrio de forças em confronto, quando os dois outros sindicatos de motoristas já tinham entrado em acordo com os patrões e, sobretudo, o Governo

mobilizara uma *task-force* ministerial sem precedentes para enfrentar o desafio.

Dito isto e aprendidas as necessárias lições, o fenómeno Pardal Henriques – ou outros da mesma extracção – terá terreno para prosperar? O mundo sindical e político estará acantonado às fronteiras actuais – mesmo com adaptações, variações e radicalismos de expressão restrita – ou, pelo contrário, será possível antever algumas alterações estruturais e novos protagonismos? Estaremos de facto imunes aos movimentos de natureza populista que se têm espalhado através da Europa? Não haverá por aí um Salvini (não um caricatural André Ventura) à espreita?

O que esta crise pôs a nu foi, entre outras coisas, um conjunto de realidades que insistimos em desvalorizar ou desconhecer no mundo do trabalho, fora das fronteiras a que estamos habituados (quem diria, à partida, que umas centenas de camionistas seriam suficientes para paralisar o país?). A situação desses motoristas reflecte, num sector mais sensível e com impacto maior no nosso quotidiano, outros tantos casos



NELSON GARRIDO

**Precisamos de uma *task-force* para evitar que o mundo laboral continue em grande parte marginalizado nos seus direitos essenciais**

de estatuto precário, horários de trabalho excessivos, ordenados baixos e falta de garantias para a reforma. Ora, precisamente, estas questões acabaram por ser desvalorizadas no contexto da discussão sobre a greve e não parecem ter tocado especialmente a sensibilidade governamental, favorecendo até a suspeita de uma cumplicidade

com o patronato que, através do seu principal porta-voz, foi multiplicando as manifestações de arrogância.

O Governo foi eficazmente reactivo nas medidas que tomou para minimizar os efeitos da greve e não perder o controlo da situação. Ora, onde o Governo falha é na sua capacidade de ser pró-activo, de desenhar o mapa dos problemas do país para poder intervir oportunamente e não apenas quando é ultrapassado pelos acontecimentos. A visibilidade da *task-force* mobilizada para enfrentar a greve contrasta com a habitual apatia burocrática da máquina governamental. Precisamos de uma *task-force* para prevenir, e não só para remediar. E para evitar que o mundo laboral – exceptuando porventura a função pública – continue em grande parte marginalizado nos seus direitos essenciais. Eis, em suma, uma das matérias essenciais em que o Governo deveria ser claramente pró-activo, impedindo que a marginalização de tantos sectores do trabalho nos torne reféns de uma repetição de crises sem fim.

**Jornalista**

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

**Totoloto** 10 25 32 36 40 1 **1.º Prémio 1.500.000€**

**P** Contribuinte n.º 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410 | 63C46DAF-7D30-4F73-8AAD-05102EC08A48 | Ângelo Paupério Vogais: Cláudia Azevedo, Cristina Soares E-mail publico@publico.pt Estatuto Editorial publico.pt/nos/estatuto-editorial Lisboa Edifício Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa; Telef.: 210111000 (PPCA); Fax: Dir. Empresa 210111015; Dir. Editorial 210111006; Redacção 210111008; Publicidade 210111013/210111014 Porto Rua Júlio Dinis, n.º 270, Bloco A, 3.º, 4050-318 Porto; Telef.: 226151000 (PPCA) / 226103214; Fax: Redacção 226151099 / 226102213; Publicidade, Distribuição 226151011 Madeira Telef.: 963388260 e/ou 291639102 Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA. Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia. Capital Social €4.050.000,00. Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. Impressão Unipress, Travessa de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Telef.: 227537030; Lisgráfica - Impressão e Artes Gráficas, SA, Estrada Consiglieri Pedroso, 90, Queluz de Baixo, 2730-053 Barcarena. Telef.: 214345400 Distribuição VASP - Distribuidora de Publicações, SA, Quinta do Grajal - Venda Seca, 2739-511 Aigualva Cacém, Telef.: 214 337 000 Fax : 214 337 009 e-mail: geral@vasp.pt Assinaturas 808200095 Tiragem média total de Julho 31.910 exemplares Membro da APCT Direitos de Autor Protegidos



PUBLICIDADE



**O Público de sempre numa nova app**  
Tenha acesso aos conteúdos exclusivos do Público



Uma oferta **Santander**  
disponível até 15 de Setembro